



MUSEU DA SEXUALIDADE

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico - CTC
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Acadêmico: Diogo Gonçalves da Silva
Orientadora: Máira Longhinotti Felipe



MUSEU DA SEXUALIDADE

Uma proposta de apoio à Educação Sexual em Florianópolis

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, que priorizaram o investimento nos meus estudos desde a minha infância e sempre incentivaram o meu aprendizado.

Segundamente, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho: amigos, colegas, funcionários do INSS, voluntários de ONGs e familiares.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha estrada, do Ensino Fundamental à Universidade, e que somaram conhecimentos ao longo do caminho de forma a colaborar com quem me tornei no presente.

Por último, agradeço aos amigos que fiz na Universidade, os quais me ajudaram a enfrentar o curso de Arquitetura e Urbanismo de forma mais leve e com apoio nos momentos de dificuldades.

"Criar o que não existe ainda deve ser a pretensão
de todo sujeito que está vivo"
Paulo Freire

Sumário

- 1 Introdução
 - 1.1 Resumo
 - 1.2 Motivação e Justificativa
 - 1.3 Objetivo.
 - 1.4 Metodologia.
- 2 Educação Sexual
 - 2.1 História da Educação Sexual
 - 2.2 Métodos de Educação Sexual
 - 2.3 Jovens, Pais e Escolas.
- 3 Educação Sexual em Florianópolis
- 4 Espaços Educativos e Arquitetura
 - 4.1 Arquitetura Educacional
 - 4.2 Novas Metodologias na Educação
 - 4.3 Arquitetura do acolhimento e Psicologia Ambiental
 - 4.4 Museus, Educação e Arquitetura
 - 4.5 Estudo de Casos
- 5 A Proposta
 - 5.1 Terreno e Entorno
 - 5.2 Entorno Imediato
 - 5.3 Plano Diretor
 - 5.4 Público-alvo
 - 5.5 Funcionamento
 - 5.6 Conceito de Diretrizes de Projeto
 - 5.7 Programa de Necessidades
 - 5.8 Materialidade
 - 5.9 Espacialidade
- 6 Referências

1.1 RESUMO

O presente trabalho visa uma investigação em relação à Educação Sexual, com enfoque na cidade de Florianópolis. Através do estudo acerca do tema busca-se compreender como a Educação Sexual surgiu e como chegou à capital catarinense.

No Brasil a Educação Sexual está cercada de tabus e, mesmo que cientificamente já tenha sido comprovada a importância social desse tema, há ainda diversos movimentos políticos e religiosos que buscam o silenciamento daqueles que tentam de alguma forma colaborar para trazer acesso às informações seguras acerca do tema para as crianças e adolescentes. Muitas dessas pessoas que tentam proibir a Educação Sexual nas escolas defendem que é papel dos pais o ensino voltado à sexualidade, mas além de poucas serem as famílias que falam abertamente sobre o assunto, há ainda aquelas em que os próprios pais são os abusadores da criança.

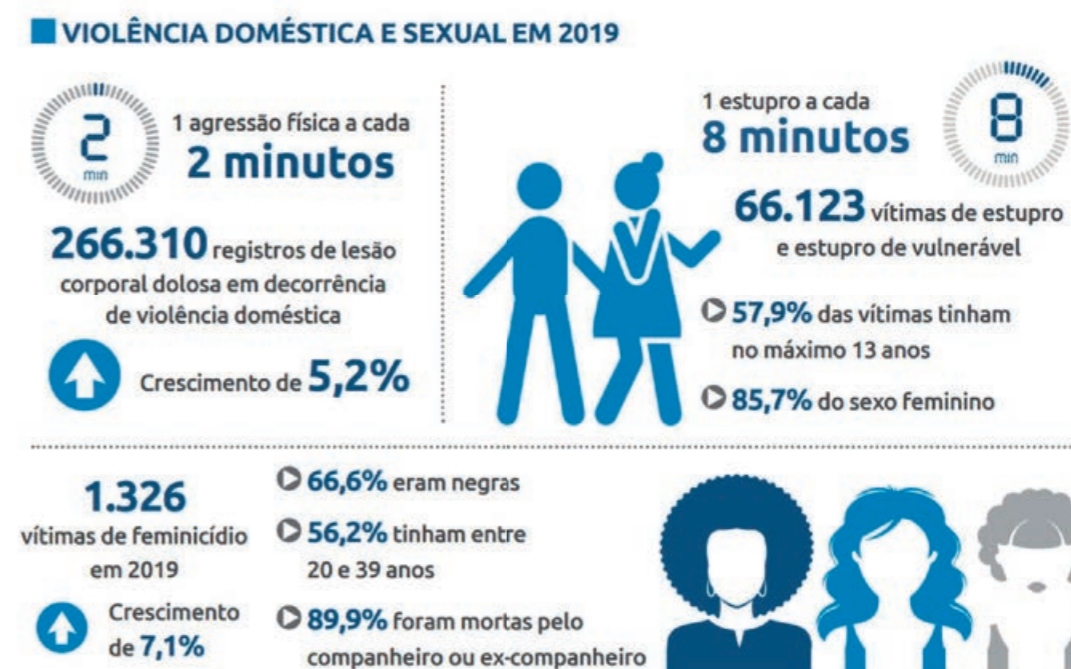
Se nas escolas muitas vezes não se fala sobre tudo, e em casa a criança é abusada pelos próprios pais, se faz necessário um local na cidade onde o indivíduo possa ter acesso completo a um conteúdo direcionado e didático, e que de maneira independente ele possa se informar em uma fonte segura, elaborada por profissionais. Assim a criança e o adolescente não ficam reféns dos preconceitos dos pais, e mesmo aqueles que tiveram que deixar a escola poderão ter acesso a um material didático sobre Educação Sexual.

Para uma análise da situação da Educação Sexual em Florianópolis, foi elaborado um questionário digital anônimo, com um total de 230 respostas. Através dessas respostas foi possível observar um ensino insatisfatório em relação ao tema, além de evidenciar através dos relatos anônimos diversos problemas ocasionados por uma Educação Sexual de baixa qualidade.

Através desse trabalho, é feita uma proposta de implantação de um Museu da Sexualidade no Centro de Florianópolis, como ferramenta de apoio ao ensino sexual. Através do estudo de museus e espaços educativos, e de novas metodologias em Educação. Além de propor, junto ao museu, um espaço de denúncias e de atendimento psicológico a vítimas de abusos e violências, para isso fez-se um estudo de como a Arquitetura pode colaborar para amenizar o estresse vivido pelas vítimas.

1.2 Motivação e Justificativa

Os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresentados no 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública compara os números absolutos das denúncias de estupro recebidas ao redor do Brasil. Nesses dados é possível observar o crescimento anual dos casos denunciados. Os 66.123 estupros no ano de 2019 equivale a 180 estupros por dia, sendo 4 meninas de até 13 anos abusadas por hora.



Infográfico: Dados do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, lançado em 2020 referente aos dados registrados em 2019 no país. Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

No mesmo anuário é apresentado o número de feminicídios do ano de 2019: 1326 vítimas registradas, uma média de 3,6 mortes por dia, com um crescimento de 7,1% em relação ao ano anterior. Dessas vítimas 89,9% foram atacadas pelo próprio companheiro ou ex-companheiro.

Em relação a violência doméstica os números são ainda maiores. Em 2018 foram 266.310 casos de lesão corporal dolosa, o que equivale a um registro a cada 2 minutos, crescimento de 5,2% em relação a 2018.

Já em 2020, com a pandemia de COVID-19, devido à Quarentena recomendada para o controle do vírus os números de denúncias de violência doméstica diminuíram, é o que aponta o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020). Segundo o Fórum, as vítimas isoladas em casa com o agressor, acabam tendo menos oportunidades de denúncia e de contato com redes de proteção e, enquanto as denúncias de lesões corporais diminuem, os casos de feminicídio aumentam, sendo esse fato um alto indicador de que os casos de violência doméstica e de abuso sexual aumentaram.

Santa Catarina:

Entre 2007 e 2017, a prevalência do HIV na Região Sul foi a mais alta do Brasil. na Região Sul, em cada 100 mil pessoas, cerca de 16,5 pessoas foram diagnosticadas com HIV. Dados obtidos através do Boletim Informativo HIV/AIDS 2018 Santa Catarina (DIVE, 2019) mostram que, dos 10.486 casos de HIV notificados no período de estudo no Estado, 6.051 concentram-se nas macrorregiões de saúde da Grande Florianópolis, Foz do Rio Itajaí, e Vale do Itajaí, correspondendo a 58% dos casos notificados de Santa Catarina. Florianópolis está na 6ª posição do ranking das capitais com a maior incidência de HIV/AIDS. Já em relação à taxa de detecção para a sífilis, Florianópolis ocupou o 1º lugar no ranking entre as capitais.

Em relação às violações sexuais contra crianças e adolescentes em Santa Catarina, de acordo com dados divulgados pelo Disque 100, em 2019 o principal tipo de violência cometida contra esse grupo foi o abuso sexual (Gráfico 01). Em relação à faixa etária, 60% das vítimas são crianças abaixo de 12 anos de idade, sendo pouco mais da metade cometidos contra meninas. A maioria dos suspeitos registrados são a mãe e o pai da vítima (Gráfico 03) na casa da própria vítima (Gráfico 02).

A população LGBT sofre em Santa Catarina principalmente discriminação e violência psicológica, sendo a casa da vítima o principal local das violências registradas, seguido pela rua. Quanto à relação entre o suspeito e a vítima, entre os casos onde essa relação foi informada, o vizinho foi o principal suspeito da violência. (Dados: Disque 100)

VIOLAÇÕES SEXUAIS REGISTRADAS PELO DISQUE 100 CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SC EM 2019

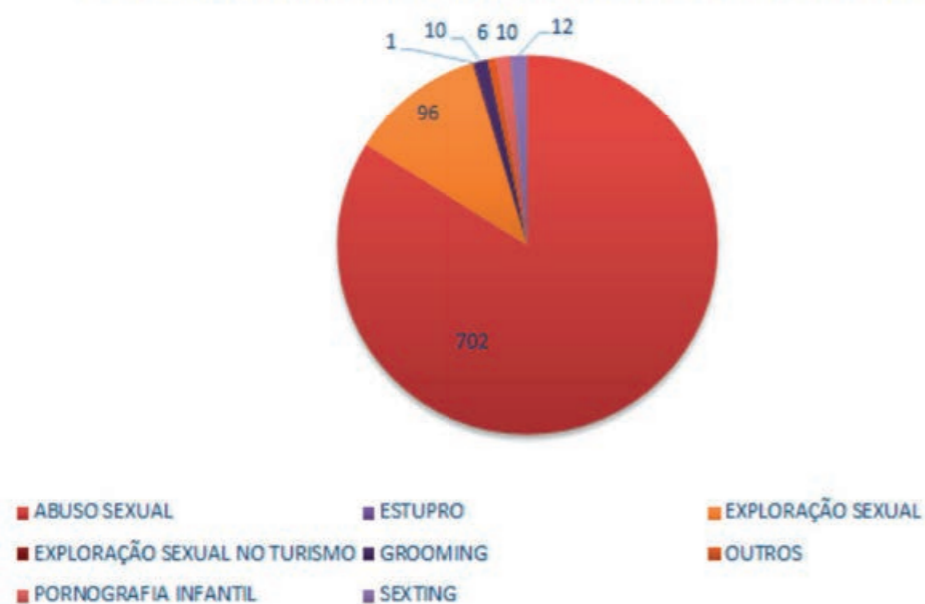


Gráfico 01 - Violações Sexuais contra as crianças e adolescentes em Santa Catarina. Dados: Disque 100. Fonte: Autoria própria.

LOCAIS DA VIOLAÇÃO CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SC NO ANO DE 2019

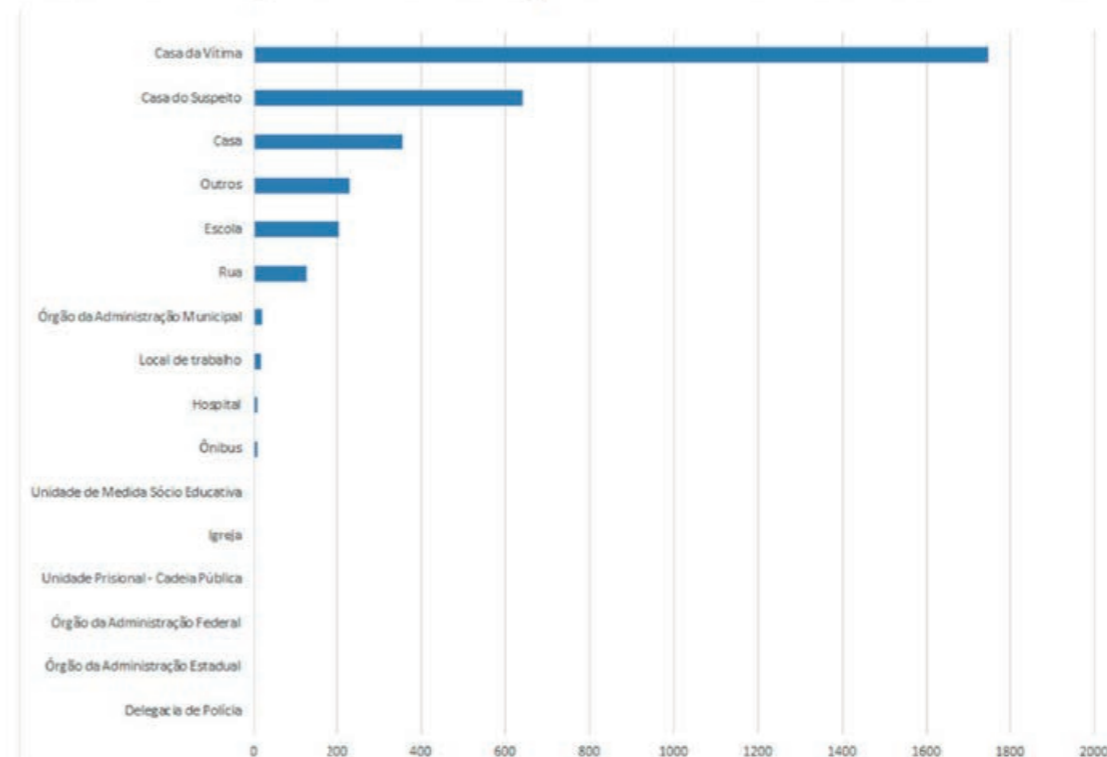


Gráfico 02 - Locais de violação contra crianças e adolescentes no ano de 2019 em Santa Catarina. Dados: Disque 100. Autoria própria

RELAÇÃO SUSPEITO X VÍTIMA SEGUNDO DISQUE 100 - ANO DE 2019 - SC

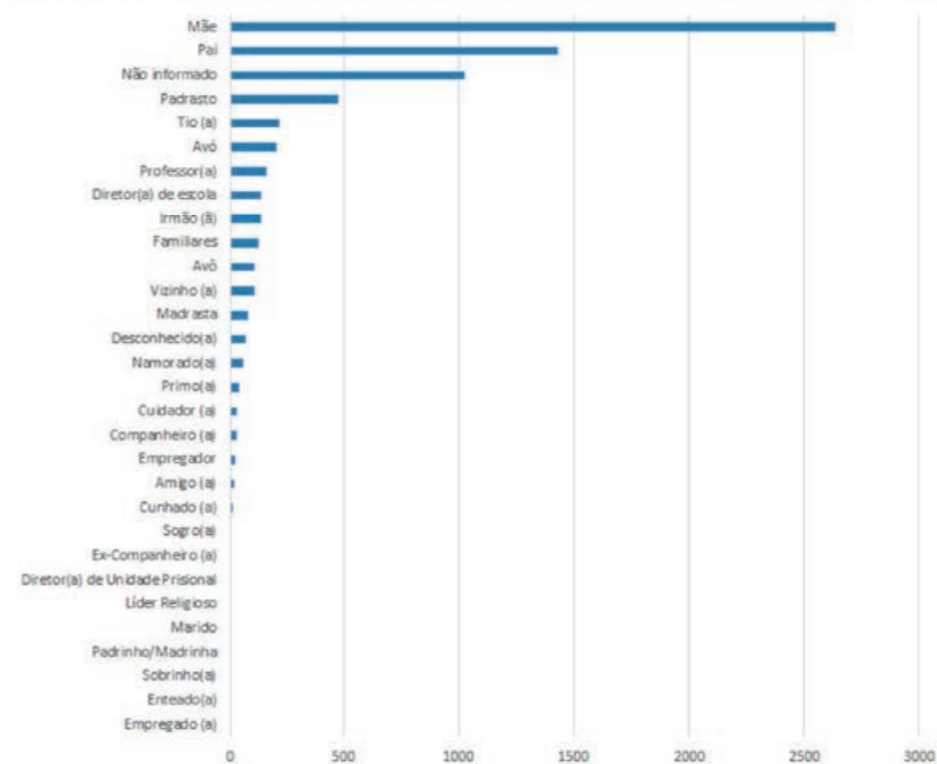


Gráfico 03 - Relação dos suspeitos com as vítimas entre crianças e adolescentes no ano de 2019 em Santa Catarina. Dados: Disque 100. Autoria própria

Diante dos diversos problemas sociais relacionados direta e indiretamente ao ato sexual no Brasil, surge no autor um anseio de contribuir para melhorar a atual situação brasileira. Os números de casos de violência doméstica, abuso sexual e doenças na população brasileira e catarinense é preocupante e cada vez maior. A inquietação surge também ao observar a negligência do Poder Público em relação a temática da Educação Sexual no país, e em determinadas administrações até mesmo há a tentativa de barrar esse tema do currículo das escolas. Os benefícios desse tipo de educação são comprovados através de diversos estudos e, dado o cenário preocupante a que o país chegou, torna-se cada vez mais importante tomar medidas para reforçar o estudo da temática em meio aos jovens e crianças brasileiros.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) realizou uma série de estudos ao redor do mundo sobre os efeitos da educação sexual (UNESCO, 2019). Através dos resultados a UNESCO (2019) confirmou que estes programas contribuem para: iniciação sexual mais tardia, reduzir frequência de atividade sexual dos jovens, reduzir as relações arriscadas, maior uso de preservativos e contraceptivos, aumento de conhecimento sobre gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis e a prevenção do HIV.

Segundo a UNESCO(2019), além das implicações relacionadas diretamente às consequências do ato sexual, há um número significativo de evidências de que a Educação Integral em Sexualidade (EIS) entre crianças e adolescentes permite o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e habilidades corretas e apropriadas para a idade, bem como o respeito aos direitos humanos, à igualdade de gênero e à diversidade. Além dos itens já citados, a EIS pode ajudar jovens a refletirem valores culturais, crenças e normas sociais, dessa maneira o jovem pode lidar melhor com seus relacionamentos interpessoais entre colegas, professores, pais e comunidade no geral.

O autor neste trabalho foca na Capital catarinense pois nasceu, cresceu e viveu a sua vida inteira nessa cidade, e portanto há um desejo de contribuir positivamente com a população local. Também, com o seu crescente potencial de atração de turistas, tanto do resto de SC quanto do Brasil, Florianópolis tem potencial para alcançar um grande público para a edificação proposta.

A escolha de um espaço como um museu na cidade para apoio à Educação Sexual, deu-se pelo entendimento de que as escolas e população no geral necessitam de um espaço atrativo na cidade, de caráter educativo, onde possam ser discutidos assuntos importantes relacionados ao tema, como abuso infantil, violência sexual contra mulheres, violência doméstica, homofobia, transfobia, machismo, etc. Além de um local que vítimas de violência e abuso sintam-se protegidas e tenham voz, a fim de colaborar na redução de futuros casos.

1.3 Objetivos

Objetivo Geral

Elaborar uma proposta de um projeto arquitetônico voltado à Educação Sexual no Centro de Florianópolis, de forma a integrar a cidade, as escolas e a população, e assim criar um espaço coletivo para as discussões acerca do tema.

Objetivos Específicos

-Estudar a influência do espaço construído no processo de aprendizado ao aprofundar a questão da Arquitetura Escolar e Psicologia Ambiental

-Propor atividades educativas em meio a cidade, para toda a comunidade, de maneira a não se limitar ao ensino convencional em salas de aula.

-Desenvolver um espaço para que as escolas da região tenham melhor infraestrutura para o ensino da Educação Sexual, com profissionais da área, espaços concebidos para diferentes atividades ligadas a novas formas de ensino e capacitação de professores.

-Projetar um espaço agradável, restaurador, seguro e de denúncias para as vítimas de violência sexual, homofobia, transfobia e demais violências, entender de que forma se dá essa rede de apoio às vítimas atualmente.

1.4 Metodologia

O desenvolvimento deste trabalho consistiu em estudos bibliográficos, relacionados à História da Educação Sexual, Educação Sexual no Brasil, Educação Sexual em Santa Catarina, metodologias de Ensino, políticas públicas, museus, além da leitura de diversas pesquisas, legislações federais, estaduais e municipais relacionadas ao ensino e a proteção de minorias. Também foi feito contato com diferentes ONGs e grupos acadêmicos que tratam atualmente de temas relacionados à sexualidade e que oferecem apoio às vítimas de violências e abusos. Concomitantemente foi elaborado um questionário virtual, de maneira anônima para preservar a identidade das respostas, destinado a compreender o cenário de Florianópolis em relação a Educação Sexual na percepção da população local, e posteriormente foi feita a análise dos dados obtidos no questionário.

A fim de analisar outras propostas com algum grau de semelhança com o projeto a ser elaborado, foram feitos também estudos de caso. Esses, devido ao desconhecimento de outros projetos de museus voltados à Educação Sexual, foram estudos majoritariamente de museus ou centros de ciência que trazem apoio à Educação no geral, ou que possuem a Tecnologia ou a Interatividade como mecanismos para as exposições.

Para fins de análise, foi feita também uma visita ao terreno da proposta, com registro fotográfico da situação atual das construções pré-existentes.

02 - Educação Sexual

2.1 História da Educação Sexual

A história exata de como a Educação Sexual (ES) nas escolas ao redor do mundo surge não é clara, e sua primeira designação foi “educação do sexo”(VIEIRA, 2017). O tema surge em um primeiro momento por questões de saúde pública. Há indícios do surgimento da ES no século XVIII, na França, onde havia a preocupação com a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis como a sífilis e gonorréia. Porém o primeiro país a sistematizar a Educação Sexual nas escolas foi a Suécia .(SAYÃO, 1997 apud. VIEIRA, 2017).

Já no século XIX a ES foi utilizada como forma de repressão da manifestação da sexualidade infantil (VIEIRA, 2017). Em 1956 torna-se um tema obrigatório nas escolas da Suíça (SAYÃO, 1997 apud. VIEIRA, 2017). O tema da sexualidade foi abordado pela Igreja Católica na década de 60 no Concílio Vaticano II, surge no debate sobre o confronto da questão da moral tradicional e os novos problemas surgidos entre os jovens. Algumas ordens religiosas, para se adaptar aos novos pensamentos e liberdades sexuais que surgiam, começam a ver a sexualidade de outra forma, assim o amor “carnal” no casamento passa a ser valorizado e alguns colégios católicos começam a desenvolver programas de ES (RIBEIRO, 2005). Em 1973 a França oficialmente adota em suas escolas a Educação Sexual (SAYÃO, 1997 apud. VIEIRA, 2017).

Brasil

Enquanto a Educação Sexual se desenvolvia em outros países, no Brasil a mesma passava por diversas fases. Ribeiro (2018) aponta para 6 momentos distintos da temática da sexualidade no território brasileiro. O primeiro seria durante o Brasil Colônia, segundo Ribeiro (2018), momento marcado por: “sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher, e normas, regras e condenações por parte da Igreja”. O segundo momento seria no século XIX, com o expressivo “controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica” (RIBEIRO, 2018).

No terceiro momento, a partir de 1920, começam a circular livros publicados por médicos, professores e sacerdotes que buscavam orientar a prática sexual da população (RIBEIRO, 2004, apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Além disso, começa neste período a discussão da implementação da Educação sexual no currículo das escolas, com foco no combate à masturbação e às doenças venéreas, além do combate a prostituição e a intenção de preparar as mulheres para o papel de esposa e mãe (RIBEIRO, 20013 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Depois de alguns anos a debater o tema, a primeira tentativa de implementar em alguma escola de fato se deu em 1930. O Colégio Batista no Rio de Janeiro manteve o ensino da ES até 1934, quando o professor responsável por abordar o tema foi demitido e processado, segundo Figueiró(1998 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018).

A Igreja Católica ocupava um papel importante na tomada de decisões a respeito da educação nacional e tinha um posicionamento repressivo em relação à sexualidade, bem como em relação à transmissão de informação sobre o tema e as manifestações sexuais entre estudantes, segundo Rosemberg (1985 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Até a década de 60 então a Igreja tratava a sexualidade como algo pecaminoso. A exemplo disto havia no período publicações de editoras católicas que tratavam do sexo como algo negativo e que merecia ser combatido e controlado (ROSEMBERG, 1985 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018).

A partir da década de 60, após o Concílio Vaticano II ter mudado a perspectiva da Igreja em relação ao sexo, permitindo o sexo por fins não reprodutivos dentro do casamento, as escolas católicas começaram a implementar programas de Educação Sexual. Começa assim o quarto momento da Educação Sexual, segundo Ribeiro (2004 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). No cenário cultural, a juventude sofria grande influência do fenômeno do rock n’ roll, que possuía forte apelo crítico. Já no campo dos movimentos sociais, feministas e jovens contribuíam para a liberação sexual no Brasil (BUENO; RIBEIRO, 2018). O período era próspero para a ES no Brasil, com diversas publicações nas décadas anteriores que possibilitaram uma base teórica. Houve então, segundo Figueiró (1998 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018), um aumento no interesse pela Educação Sexual no território nacional.

Dessa forma, antes do Regime Militar, e durante seus primeiros anos, houve nesta década algumas experiências de ES, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (BUENO; RIBEIRO, 2018). Entre 1961 e 1969, no estado de São Paulo, foi experimentado a implementação da ES nos colégios vocacionais do estado, através de dinâmicas em grupo, atendimentos individuais, trabalho com os pais dos alunos e seminários para os profissionais envolvidos(FIGUEIRÓ, 1998 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). No Colégio Aplicação de São Paulo, dentro do horário escolar regular, foi realizada uma intervenção em grupo de 4 ciclos, com uma média de 9 encontros cada, sendo os 4 primeiros para que o professor de Ciências tratasse do assunto de forma biológica, e o restante para que um “orientador” coordenasse discussões derivadas das dúvidas dos alunos. A experiência, apesar dos resultados positivos, teve fim após uma crise política ocorrida na escola no ano de 1967, segundo Figueiró (1988 BUENO; RIBEIRO, 2018).

Um retrocesso na Educação Sexual brasileira se instaura devido ao Golpe de Estado de 1964, com fechamentos de escolas e denúncias dos professores que ousavam ensinar ES de forma semi-clandestina (RIBEIRO, 2004 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Em 1968 a deputada Júlia Steinbruck (MDB-RJ) apresentou um projeto de lei à Câmara dos Deputados, que propunha a obrigatoriedade do ensino sexual nos currículos do 1º e 2º grau, mas o mesmo foi rejeitado, com a alegação unânime de que o debate sobre a sexualidade é um risco a “pureza” e “inocência” dos alunos(BUENO; RIBEIRO, 2018).

Em 1978, com a abertura política, a ES começa a retomar, bem como as pesquisas sobre o tema. Essa é a quinta fase da Educação Sexual para Ribeiro (2004 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Agora os órgãos públicos assumem projetos do tema nas escolas, e não mais os professores. Neste ano ocorreu o I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas, este e os subsequentes abriram espaço para o debate público sobre a ES nas escolas, ganhando também espaço na mídia, atendendo a uma demanda populacional de querer falar e ouvir sobre sexualidade(ROSEMBERG, 1985 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018).

Em 1980 foi fundada a Associação Brasileira de Educação Sexual (EDUSEX) e do Centro de Sexologia de Brasília (CESEX), o qual ofereceu o primeiro curso de sexologia do país. Já em 1985, foi criado o Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual (CAESOS), pela professora Sonia Maria Vilela Bueno e também foi fundada a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH) (BEDIN, 2016; SILVA, 2002 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018).

A Educação Sexual obteve mais reconhecimento a partir de 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e com o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o qual, entre diversas exigências, exigia que a orientação sexual (como foi nomeada a ES no documento) fosse trabalhada em todas as disciplinas, de forma transversal. (SILVA, 2002 apud. BUENO; RIBEIRO, 2018). Também em 1996, foi aplicado o projeto Prevenção também se ensina: ação preventiva ao abuso de drogas/DST/AIDS com crianças e adolescentes das escolas oficiais do estado de São Paulo(BUENO; RIBEIRO, 2018).

O final dos anos 1990 acompanhou o avanço da internet, a qual primeiramente foi liberada aos centros de pesquisa e universidades e anos depois a população mundial viria a usufruir dessa ferramenta. As novas formas de se relacionar desde então vêm se alterando. Os relacionamentos estão mais frios, o olho no olho deixou de ser um hábito para muitos e o jogo da paquera, conquista e sedução tornou-se coisa do passado(BUENO; RIBEIRO, 2018). O avanço da tecnologia permitiu salas de bate-papo e aplicativos de relacionamento, que permitem com agilidade marcar encontros e sexo casual. Mas a geração que utiliza estes recursos nos tempos atuais não tiveram em sua base educacional uma Educação Sexual libertadora, assim muitos acabam por transferir suas carências afetivas e fragilidades emocionais para relacionamentos vazios e acabam por se frustrar(BUENO; RIBEIRO, 2018).

2.2 Métodos de Educação Sexual

Para uma Educação Sexual eficiente é importante a participação ativa de todos os envolvidos, junto com a flexibilidade de conteúdo e promoção da autonomia individual. (Jesus, 2011). Isso implica que deve-se partir do sentido, do vivido, do conhecido dos alunos e da prática de competências específicas (Jesus, 2011). Segundo Marques, Alverca e Villar (1992 apud. Jesus, 2011) para atingir maior eficiência na Educação Sexual deve-se partir de conhecimentos individuais e de grupo, sejam eles certos ou errados, utilizá-los junto a novos conhecimentos, problematizar e solucionar situações, utilizar humor e jogos ou trabalhar em pequenos grupo.

Andreia Almeida de Jesus (2011), Frade, Marques, Alverca e Vilar (2010) apresentam sugestões para uma metodologia participativa de ensino-aprendizagem com a utilização de atividades como: trabalho de pesquisa, *brainstorming*, resolução de problemas, jogo de clarificação de valores, utilização de questionários, dramatização, visita externa, produção de cartazes, caixa de perguntas, fichas e exploração de meios audiovisuais. Embora algumas atividades sejam mais ativas que outras, todas constituem formas de envolver os jovens na Educação Sexual, através do questionamento e da partilha de ideias com o restante do grupo.

Kirby, Baris e Roller (2006 apud. Jesus, 2011) também apresentam um estudo sobre o impacto dos programas educacionais eficazes, nesse estudo os autores defendem a participação ativa dos participantes e a ajuda dos mesmos para personalizar a informação recebida. Os métodos mais eficazes apresentados no estudo foram: curtas palestras, discussões e trabalhos em grupos, apresentações de vídeos, histórias, dramatizações, simulações de risco, jogos competitivos, pesquisa de atitudes e intenções com a apresentação anônima dos resultados, atividades de resolução de problemas, visitas a farmácias, consultas clínicas, caixas de perguntas, linhas diretas e breves questionários.



Os oito conceitos-chave da Educação Sexual
.Fonte: UNESCO (2019)

A UNESCO (2019) divide a Educação Sexual em 8 áreas principais a serem abordadas nas escolas. Essas áreas são subdivididas em 4 níveis separados para cada período de aprendizagem e faixas etárias. O primeiro e mais básico é o da faixa etária de 5 a 8 anos, tipicamente envolvem informações mais básicas, tarefas cognitivas menos avançadas, e atividades menos complexas. Os níveis II, III e IV são referentes as idades, respectivamente: 9 a 12 anos; 12 a 15 anos e 15 a 18 anos.

2.3 Jovens, Pais e Escolas.

Papel dos Pais:

Um estudo realizado em 2002, com 383 jovens entre 15 e 19 anos da zona leste do município de São Paulo, aponta que o principal agente de esclarecimento de dúvidas em relação ao tema de sexualidade e contracepção seria a mãe, tanto entre os entrevistados homens quanto entre as mulheres, e constatou-se que o papel do pai foi pouco participativo nas dúvidas dos filhos, principalmente entre as mulheres, que se restringiam em casa quase exclusivamente a tirar dúvidas com a mãe (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

A abordagem da sexualidade entre pais e filhos dificilmente existe, mas quando existe é feita de maneira superficial e não contempla as reais necessidades dos filhos (NERY et al., 2015). Os conselhos sexuais no âmbito familiar têm como parâmetro, segundo Maria Cristina Pinto de Jesus (1999), um conceito de certo e errado que foi herdado, e dessa forma tendem a levar os filhos a escolher viver suas sexualidades dentro dos parâmetros adquiridos em suas bagagens culturais. Muitos pais foram educados em um ambiente de repressão às manifestações sexuais, tendo eles professores de biologia que se limitavam apenas a abordar a função reprodutiva dos órgãos sexuais e seus pais preferiam não tocar no assunto (JESUS, 1999). Uma pesquisa (NERY et al, 2015) realizou entrevista com 22 pais em relação a abordagem do tema sexual com seus filhos, e foi possível observar que as maiores dificuldades encontradas foram saber quando falar sobre sexo, o que abordar e se a informação passada estaria correta. Além disso, percebeu-se também que os fatores culturais, religiosos e socioeconômicos influenciam fortemente nesse momento (NERY et al, 2015).

Nota-se também que o diálogo entre pais se dá na maioria das vezes no final da adolescência. Para muitos adultos o assunto não deve ser conversado com crianças e adolescentes de pouca idade, assim eles evitam discutir com as crianças questionamentos que surgem em relação ao tema (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013). É necessário que os adultos compreendam que a sexualidade é algo natural ao ser humano e que as dúvidas aparecem em todas as idades, de forma que as respostas claras e objetivas se fazem necessárias para que os jovens possam viver sua sexualidade de forma saudável e responsável. Para que os pais possam se desvincular de antigos estereótipos e tabus é importante a revisão das suas próprias dificuldades através de leituras, reflexões e discussões sobre o tema, desta forma poderão oferecer uma boa educação sexual aos filhos, de forma mais positiva e isenta de preconceitos (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Papel das Escolas:

A Educação Sexual está inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e deve ser viabilizada, de acordo com o próprio PCN, em forma de tema transversal. Os parâmetros restringem-se no debate de doenças e manifestações sexuais entre crianças e adolescentes, entretanto persiste sob um viés heterossexual, enquanto de 1ª a 4ª série a sexualidade infantil persiste em não ser abordada (JUNIOR, 2011).

Um estudo (AQUINO et al, 2013) analisou jovens de três diferentes capitais brasileiras: Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, em relação a gravidez na adolescência. Foi percebido que a escolaridade e a renda era inversamente proporcional aos casos de gravidez em adolescentes, ou seja, os adolescentes que deixaram a escola tinham estatísticas mais preocupantes em relação à gravidez precoce. Além disso, houveram menos casos entre os jovens que mencionaram a escola como a fonte das primeiras informações sobre gravidez.

Apesar da importância da escola nos ensinamentos relacionados à sexualidade, os pais não devem deixar essa tarefa de forma exclusiva aos professores, é necessário o diálogo em casa e nas escolas. Acreditava-se no princípio da história da Educação Sexual que os pais apresentavam resistência ao ensinamento do tema nas escolas, mas atualmente é sabido que os pais reivindicam esse tipo de ensinamento não somente por compreender a sua importância mas justamente por reconhecer a dificuldade de se falar do tema em casa. Contraditoriamente muitos professores relatam não se sentirem confortáveis para tratar do tema pelos seguintes motivos: timidez, insegurança em relação ao tema, falta de preparo oriundo das lacunas de formação docente, da reprodução da repressão sexual a qual os educadores foram submetidos e até mesmo da ideia de que o assunto deva ser abordado exclusivamente pela família (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Tratar de sexualidade nas escolas requer uma reeducação dos profissionais da Educação que estão em contato constante com os jovens. Esta tem sido conduzida de forma limitada nos últimos anos, aliada apenas a aspectos biológicos e reprodutivos e deixa de lado a amplitude do prazer e benefícios que a mesma pode propiciar para o indivíduo. A Educação Sexual deve portanto começar em casa e ser complementada na escola para suprir as dificuldades dos pais em tratar do tema e assim ajudar os jovens a enfrentarem suas dúvidas e ansiedades (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).



QR CODE: Pipo e Fifi de Caroline Arcari. (apontar com a câmera do celular).
Video sobre material de educação distribuído em algumas escolas brasileiras.
Também disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pT4300L7zpU&t=160s>

Aceso em: 14 set. 2020.

03 - Educação Sexual em Florianópolis

3.1 Pesquisa com Moradores

Para este trabalho foi distribuído um Questionário online sobre Educação Sexual em Florianópolis, realizado através da plataforma Google Forms, e divulgado em redes sociais, grupos de Whatsapp, e-mails entre outros meios digitais, com o total de 230 respostas. O objetivo do questionário é compreender de que forma a Educação Sexual foi ensinada para os moradores de Florianópolis e identificar possíveis deficiências nesse ensino.

Das 230 respostas, 65,7% são do gênero feminino, 33% são do gênero masculino, 0,9% preferiu não dizer e 0,4% se identifica como gênero não binário. Quanto à Orientação Sexual, 66,1% se identifica como heterossexual, 11,7% como homossexual, 17% como bissexual, 3,5% ainda não sabem, 0,9% se identifica como panssexual, 0,4% como assexual e 0,4% prefere não dizer. Quanto à faixa etária, a maioria dos participantes se encontra na faixa de 18-24 anos (Gráfico 04) e com Ensino Superior Incompleto (Gráfico 05).

Em relação às escolas dos participantes, 57,8% sempre estudaram em Florianópolis, 2,2% apenas durante o Ensino Fundamental, 6,1% apenas durante o Ensino Médio e 33,9% não estudaram em Florianópolis. As pessoas vindas de escola particular são 60%, e 40% de escolas públicas.

A religião predominante entre o núcleo familiar dos participantes foi o Catolicismo, com 72,2%. A segunda opção mais escolhida, com 7,8%, foi "Crente, mas sem uma Religião", seguido em terceiro por Protestantismo, com 6,5%. Já em relação a religião no meio escolar, 50,9% dos participantes afirmaram que havia valores religiosos nas escolas, 46,1% afirmaram que não havia e 3% não se recordam.

Após os participantes responderem as perguntas referentes ao perfil pessoal, familiar e escolar, os mesmos classificaram o quanto consideravam que seus conhecimentos em Educação Sexual vinham da escola (Gráfico 06) e quanto vinha de ensinamentos dos seus responsáveis (Gráfico 07), também classificaram a satisfação quanto ao conhecimento adquirido (Gráfico 08). Em todas as perguntas de classificação a média foi baixa, havendo poucas respostas que classificaram de forma máxima tanto Educação Sexual vinda da escola, quanto vinda dos responsáveis, sendo a média de satisfação dos participantes baixa também.

Qual a sua faixa etária?

230 responses

- Até 17 anos
- 18-24 anos
- 25-35 anos
- 36-50
- A partir de 51

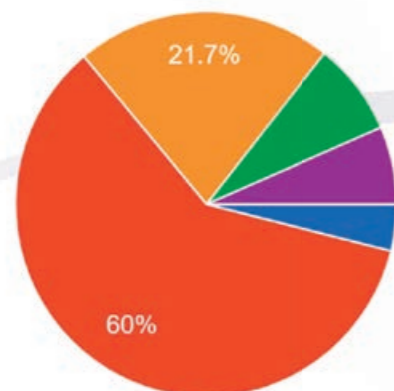


Gráfico 04: Faixa etária dos participantes.

Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms.

Nível de Escolaridade:

230 responses

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação Incompleta
- Pós-Graduação Completa

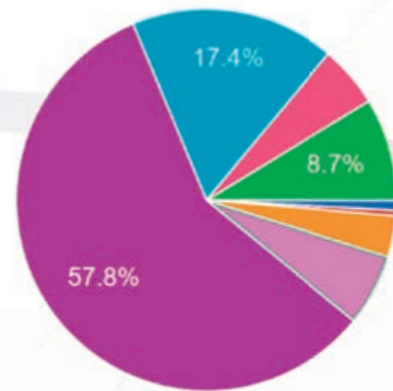


Gráfico 05 - Nível de Escolaridade dos participantes.

Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms

De 0 a 4 classifique o quanto seu conhecimento atual em Educação Sexual veio da Escola?

230 responses



Gráfico 06- Classificação dos participantes quanto ao conhecimento em Educação Sexual vindo do ensino nas escolas. Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms

De 0 a 4 classifique o quanto seu conhecimento atual em Educação Sexual veio de conversas com os seus responsáveis?

230 responses

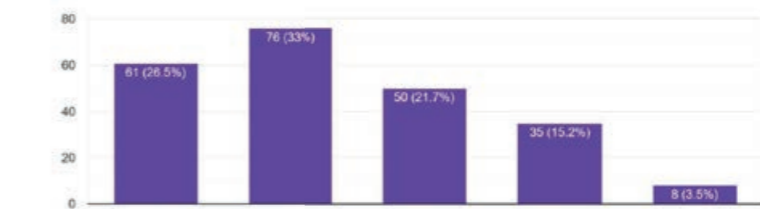


Gráfico 07- Classificação dos participantes quanto ao conhecimento em Educação Sexual vindo do ensino nas escolas. Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms

De 0 a 4 classifique o seu grau de satisfação com a Educação Sexual recebida:

230 responses



Gráfico 08 - Classificação dos participantes quanto ao conhecimento em Educação Sexual vindo do ensino nas escolas. Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms



QR CODE: Resultado Completo do Questionário sobre Educação Sexual em Florianópolis.

Também disponível em https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeuDU7taqAFUs-Sm7eOnW3yiUbRdBW7jQ9Na_mWQP7M1DniYmA/viewanalyticsfiurY_/view?usp=sharin

As classificações citadas anteriormente, quando divididas de acordo com grupos específicos presentes entre os participantes, podem trazer informações interessantes. Por exemplo, quando dividimos as respostas entre participantes vindos de Escolas Públicas e vindos de Escolas Particulares (Gráfico 09), nota-se que aqueles que estudaram em escola pública, classificaram mais negativamente a Educação Sexual recebida que aqueles vindos de escola particular.

Ao separar por Religião as classificações da Educação Sexual recebida pelos responsáveis, obtemos discrepâncias nítidas nas médias das respostas também. Isso pode indicar que há um tratamento diferente em relação ao tema da Educação Sexual no ambiente familiar a depender da religião a qual os responsáveis pela criança seguem.

Ao analisar as respostas por Escolaridade (Gráfico 10), é possível observar uma diferença considerável entre aqueles com menor e maior escolaridade. É possível que haja uma relação direta entre escolaridade e satisfação com Educação Sexual. Mesmo assim, é notório que, mesmo entre aqueles com maior escolaridade, a classificação média da satisfação em relação a Educação Sexual entre os participantes se manteve baixa.

Quando é feita a separação das classificações entre as pessoas que estudaram em escolas com valores religiosos e aquelas que não (Gráfico 11), não nota-se grandes discrepâncias entre as médias. Ao analisar por Gênero, também não há discrepâncias relevantes entre Masculino e Feminino.

CLASSIFICAÇÃO DE 0 A 4 QUANTO AO GRAU DE SATISFAÇÃO COM A EDUCAÇÃO SEXUAL RECEBIDA, POR ESCOLARIDADE

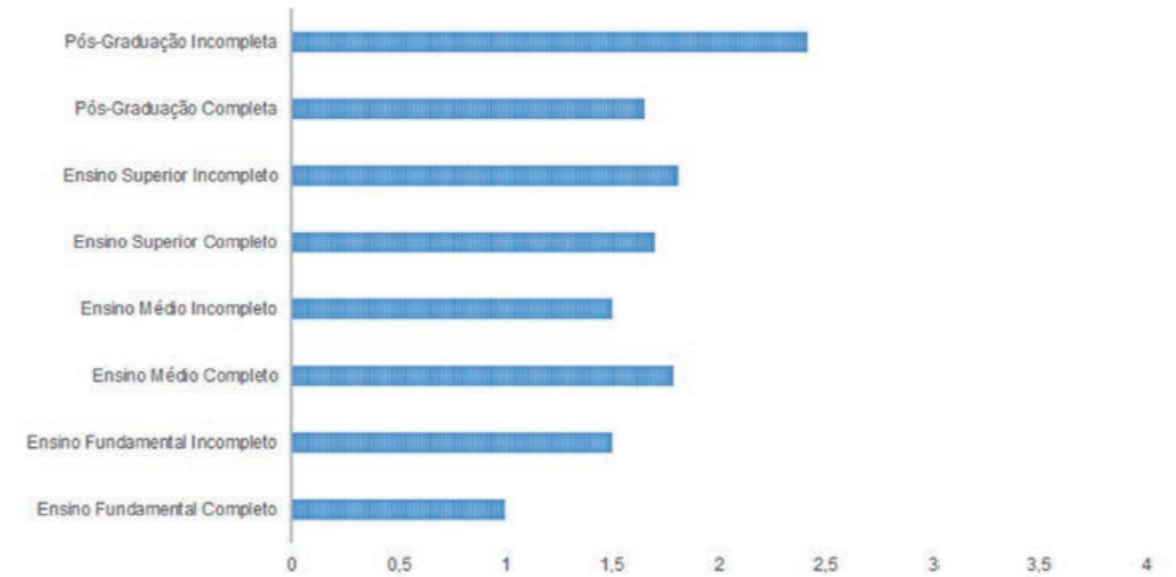


Gráfico 10 - Classificações dos participantes sobre a Satisfação quanto o ensino sexual recebido, separados por Escolaridade. Fonte: Autoria Própria

CLASSIFICAÇÕES DE 0 A 4, ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS:

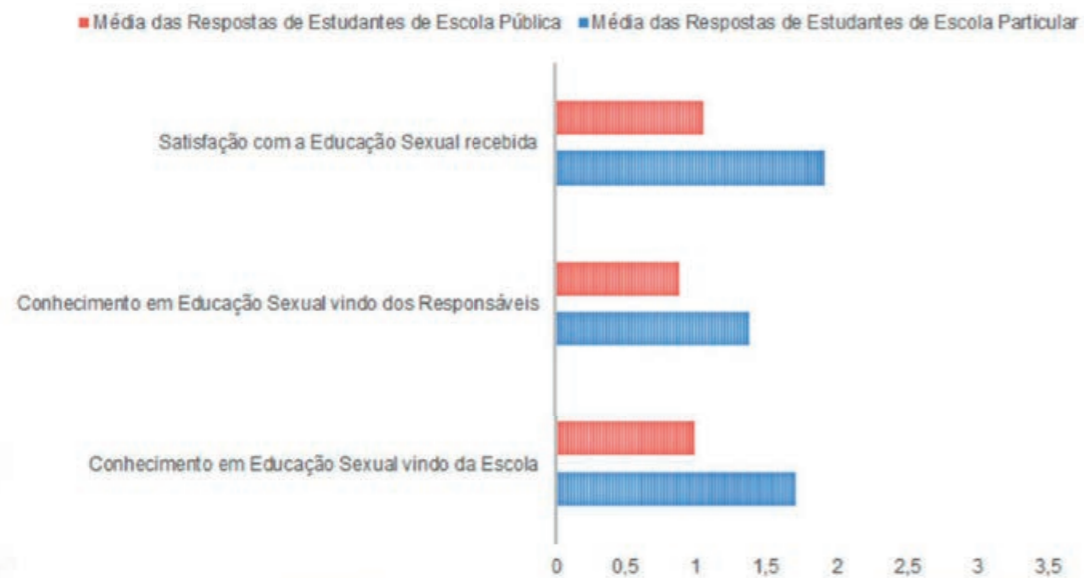


Gráfico 09 - Classificações dos participantes separados por Escolas Públicas e Privadas. Fonte: Autoria Própria

CLASSIFICAÇÕES DE 0 A 4, DE ACORDO COM VALORES RELIGIOSOS NA ESCOLA:

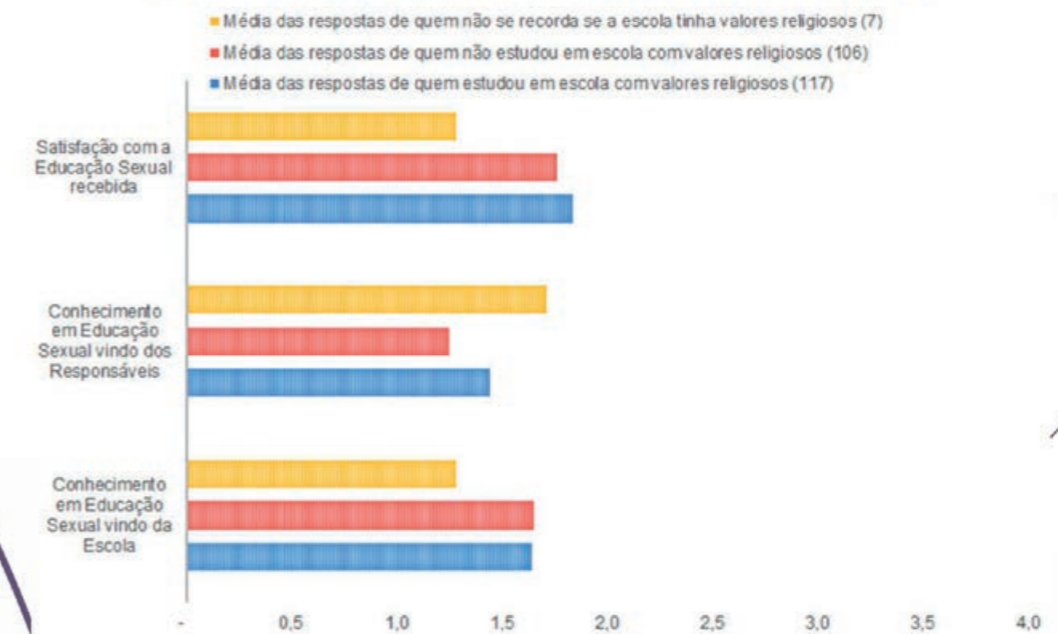


Gráfico 11 - Classificações dos participantes separados por escolas com e sem valores religiosos. Fonte: Autoria Própria

A maioria dos participantes, 72,6%, utilizava como fonte de conhecimento a literatura e internet para sanar as dúvidas referentes à Educação Sexual (Gráfico 21) e 58,3% perguntava para amigos. A pessoa menos consultada para tirar dúvidas em relação ao tema foi a figura do pai, em apenas 4,3% das respostas. Mesmo a figura do professor é pouco procurada, com apenas 6,5%.

A maioria dos participantes, 66,5%, considerou que teria evitado algum constrangimento ou problema caso houvesse tido uma melhor Educação Sexual em fase escolar.

Ao final do questionário, foi deixado um espaço livre para relatos anônimos, de situações que aconteceram com os participantes que eles consideram que teria sido diferente caso tivessem tido mais informações sobre Educação Sexual. Para que os participantes se sentissem confortáveis em relatar seus casos, foram preservadas totalmente suas identidades, assim sendo nem mesmo o autor tem conhecimento de a quem pertence cada um dos relatos. O anonimato das respostas foi informado no questionário, bem como foi informado aos participantes que os relatos seriam utilizados posteriormente no trabalho. Foram 30 relatos, podendo acessar através do QR code nesta página.

Nos relatos, foi possível identificar casos de abuso sexual na infância, gravidez precoce, homofobia, transfobia, dificuldade em sentir prazer entre outros problemas que as pessoas julgaram que poderia ser diferente caso tivessem tido uma melhor orientação durante a infância.

“Fui vítima de abuso sexual por volta dos 11 anos de idade e por ser uma idade em que realmente não compreendia sobre sexualidade achei que era coisa da minha cabeça - só fui descobrir que o que tinha sofrido era abuso quando tive consulta particular com uma psicóloga aos 21 anos. Foram 11 anos guardando um trauma por desinformação. E não é exceção, essa é a média de tempo em que os que sofreram abuso guardam o acontecido pra si. Se houvessem conversas abertas explicando na linguagem da criança o que é espaço pessoal e como é quando ele é desrespeitado, muito sofrimento teria sido poupado, meu, e de todas as vítimas existentes.” (autor anônimo)



QR CODE: Relatos Anônimos Pesquisa Educação Sexual em Florianópolis. Compilado de relatos anônimos realizados ao final do questionário apresentado nesse trabalho. Também disponível em https://drive.google.com/file/d/1Q--k0XFz-myocHogPwqUzazIRGfiurY_/view?usp=sharing

Em quais das seguintes opções você estaria disposto a participar para aprender mais sobre o tema?

230 responses

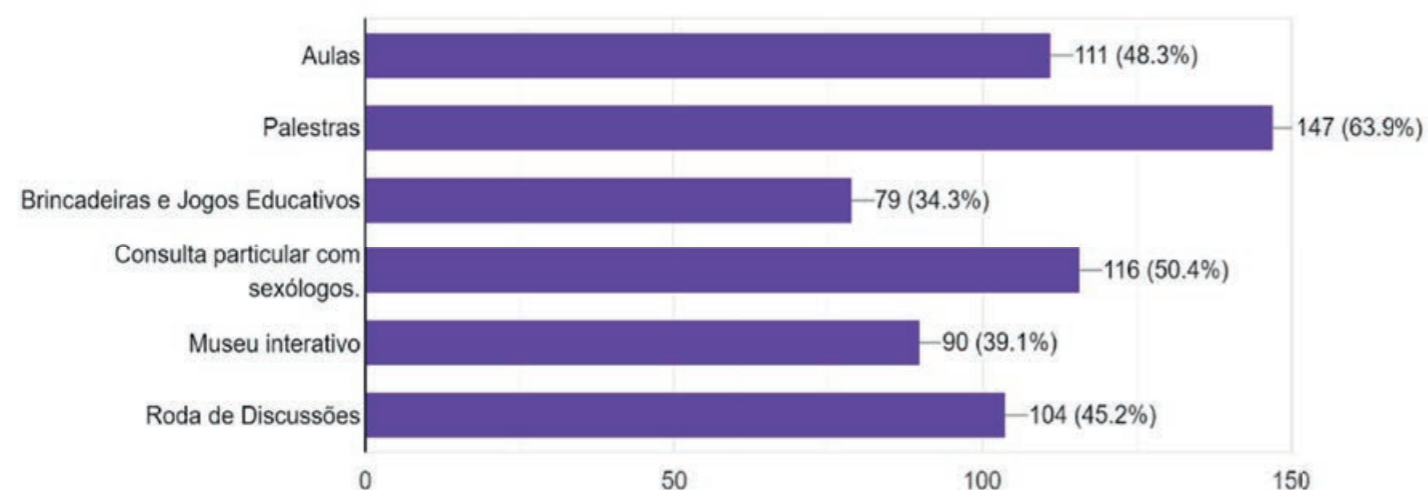


Gráfico 12 - Abordagens de ensino que os participantes estão dispostos a participar. Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google

Quem você costumava abordar para tirar dúvidas sobre Educação Sexual?

230 responses

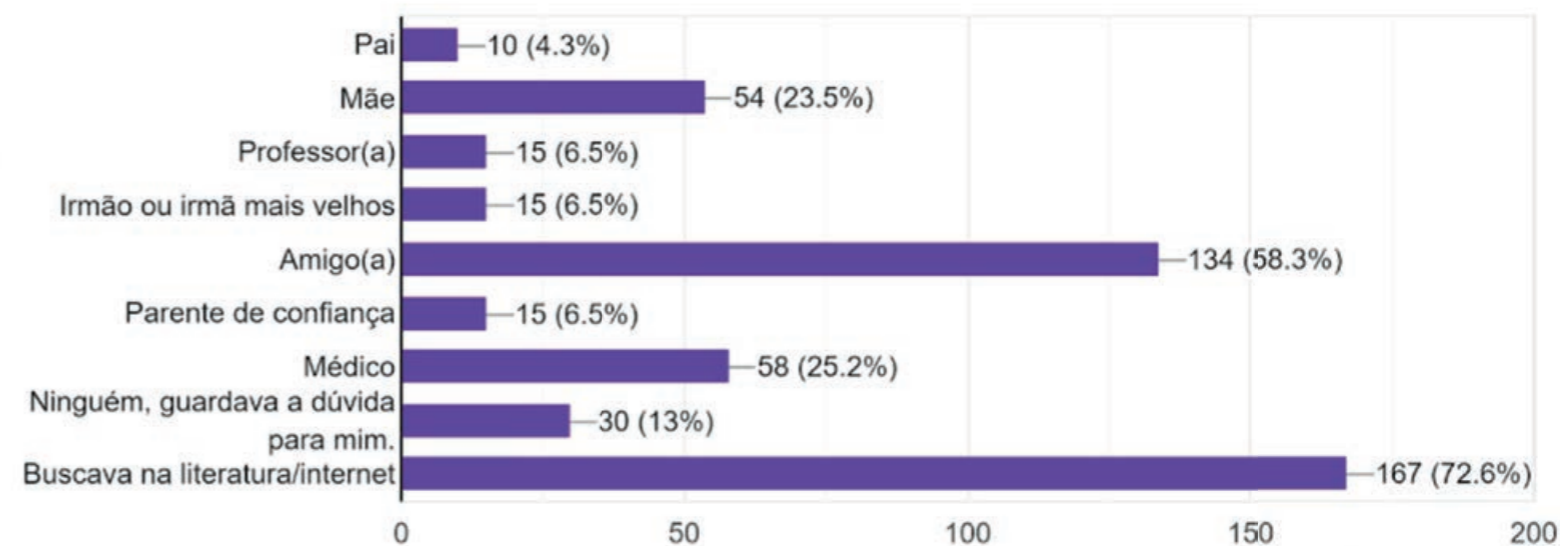


Gráfico 13 - Pessoas com as quais os participantes tiravam suas dúvidas em relação a Educação Sexual. Fonte: Autoria própria com a ferramenta Google Forms.

3.2 Locais de Discussão

Antes de elaborar uma proposta de projeto relacionado a Educação Sexual em Florianópolis, é necessário compreender os atuais locais na cidade onde o tema e outros semelhantes são debatidos fora das escolas e núcleos familiares. Portanto, será explicado a seguir algumas das principais instituições que têm lidado com a temática, tanto vindas de universidades através de projetos de extensão, quanto Organizações Não-Governamentais.

Instituto de Estudos de Gênero - IEG

O Instituto de Estudos de Gênero (IEG), segundo seu Estatuto (UFSC, 2020), é responsável na Universidade Federal de Santa Catarina por desenvolver ensino, pesquisa e extensão em teorias feministas, sexualidades e diversidades, articulando redes de pesquisas a nível local, nacional e internacional. Para isso, o IEG desenvolve as seguintes atividades: Publicação da Revista Estudos Feministas; Promoção do Seminário Internacional Fazendo Gênero e outros eventos; Promoção de atividades no Espaço Cultural Gênero e Diversidades (ECGD); Manter ações de intervenção social, participando na formulação e encaminhamento de políticas públicas e na articulação com movimentos sociais; Realização de cursos de aperfeiçoamento, especialização e atividades de extensão; Entre outras atividades.

Elizabeth Kammers, integrante da equipe do IEG, disponibilizou para este trabalho os espaços atuais que são utilizados para a realização das atividades do Instituto. Segundo ela, ocupam 83,32m² no sétimo andar do bloco F do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), no Campus Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina. Dos 83,32m², a Secretaria do Seminário Internacional Fazendo Gênero ocupa 14,34m²; 10,5m² de sala de reuniões; 10,8m² de depósito e arquivo; 25,93m² de biblioteca e acervo para pesquisas; 21,75m² para a Secretaria do IEG. Já no bloco D do CFH, no segundo andar, utilizam 30m² para a Revista Estudos Feministas, com espaço para reunião, estações de trabalho e almoxarifado. Além desses espaços, possuem em frente à Praça Santos Dumont, no bairro Trindade, o Espaço Cultural Gênero e Diversidade. Esse tem área de 92m², onde ocorrem apresentações culturais, palestras, reuniões, etc. Além disso há também nesse espaço uma copa, secretaria, almoxarifado e 2 banheiros.

Programa de Rádio Educação Sexual em Debate: nas ondas da Rádio UDESC

O Grupo de Pesquisa EDUSEX - Formação de Educadores e Educação Sexual, na Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, possui dentro dos projetos de extensão o Programa de Rádio Educação em Debate, na Rádio UDESC FM 100.1, em Florianópolis. O programa é semanal e ao vivo, apresentado toda sexta-feira de manhã, e reprisado nas quartas-feiras, além de disponibilizado de forma gratuita online, inclusive na página do programa do Facebook. O programa se caracteriza pelas entrevistas com pesquisadores e educadores nacionais e internacionais, que tratam sobre temas relacionados à educação e sexualidade.

A Professora e doutora Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes, do Departamento de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC, e também responsável por coordenar o projeto de extensão citado anteriormente da Rádio UDESC, informou para este trabalho que até o momento, dentro dos 13 anos de programa, possuem cerca de 400 programas gravados, em um acervo online. Segundo Patrícia, o projeto desenvolvido está também vinculado ao Laboratório Tecendo Saberes e Fazer no Campo da Educação Sexual Emancipatória (LabTEIAS).

Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento Da Violência De Gênero - CDGEN

A Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento de Violência de Gênero (CDGEN) é vinculada à Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD) da UFSC e está localizada no Térreo da Reitoria, no bairro Trindade. Seu objetivo é estabelecer políticas de enfrentamento à LGBTfobia e violência contra a mulher, através da luta pela promoção dos direitos da população universitária LGBTQI+ e mulheres vítimas de violências.

De acordo com a coordenadoria, a mesma realiza as seguintes atividades: Acolhimento de mulheres e população LGBTQI+ vítimas de violência, através de atendimento psicológico individual, encaminhamento para as instâncias internas e externas à UFSC, orientações em casos de violência para a comunidade interna; Atividades educativas de conscientização quanto às temáticas; Desenvolvimento de campanhas internas; Confecção de material de conscientização; Assessoria às coordenadorias, diretorias, etc.; Reuniões e capacitações; Grupos reflexivos sobre masculinidade, estudantes trans e mulheres.

Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos

Segundo consta no website do Instituto Arco-Íris, a ONG costuma debater sobre os Direitos Humanos, realizar apresentações de teatro, dança, música, saraus, filmes, exposições de arte. Prioritariamente a ONG trabalha na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST), HIV/Aids, redução de danos relacionados ao uso de drogas e na promoção de direitos humanos junto a populações em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

A ONG acima citada já desenvolveu intervenções junto a profissionais do sexo (homens, mulheres e travestis), moradores de rua, usuários de drogas, populações privadas de liberdade, adolescentes e jovens das comunidades em situação de vulnerabilidade econômica e social. As pessoas que vivem com HIV/Aids, contam com os serviços da instituição, que oferece encaminhamentos para atenção psicológica, assistência jurídica, internação e acompanhamento hospitalar e domiciliar, internação no Instituto de Psiquiatria de SC e serviços de dependência química da UFSC e do Centro de Atenção Psicossocial Alcool e Drogas (CAPS-AD).

04 - Espaços educativos e Arquitetura

4.1 Arquitetura Educacional

Para compreender de que forma a Arquitetura pode influenciar na educação, é necessário entender essa relação no seu ambiente mais básico e tradicional: a escola. Isso porque não apenas os indivíduos agem sobre o ambiente, mas também o ambiente age e modifica os indivíduos, ao influenciar condutas, ações, comportamentos e estímulos gerados através desta relação (SOUZA, 2018), conceito este vindo da área da Psicologia Ambiental.

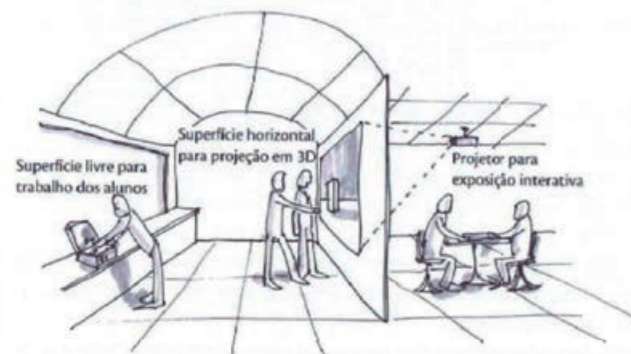
O êxito no processo educacional não se dará apenas pelos aspectos curriculares, pois o ambiente físico é também determinante neste processo, segundo Luz et al (2005). Utilizar mobiliários e equipamentos projetados adequadamente ao aluno, de acordo com suas medidas, e realizar tarefas nas salas de aula, junto a fatores ambientais como, iluminação, ventilação e temperatura, são essenciais para um bom desempenho escolar (LUZ et al, 2005).

Azevedo (2002) afirma que os aspectos programáticos-funcionais do edifício escolar, como organização espacial, dimensionamento dos conjuntos funcionais, acessos, percursos e mesmo a adequação ergonômica do mobiliário, são fundamentais na concepção dos projetos educacionais. A autora defende também que os aspectos estéticos-compositivos, como o uso de cores diversas, texturas, padrão construtivo, formas, proporções, símbolos, entre outros aspectos visuais, podem estimular os sentidos e a curiosidade dos usuários, e a capacidade de descoberta da criança.

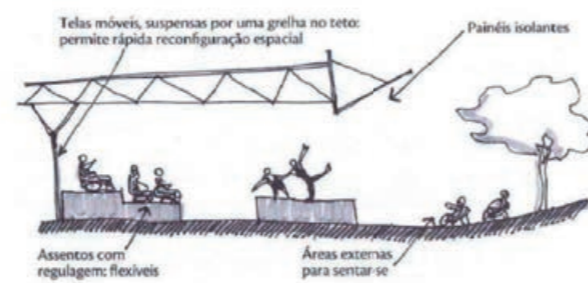
Kowaltowski (2011) defende 32 parâmetros a serem analisados no projeto de escolas no Brasil, são alguns deles: Salas de aula que possibilitem diferentes tipos de aprendizagem e atividades diversificadas; entrada convidativa; espaço de exposição para trabalho de alunos; áreas destinadas a arte, música e atuação; transparência; vistas interiores e exteriores; tecnologia distribuída, através por exemplo de rede wireless para que o aluno possa ter acesso à informação em qualquer ponto; Utilização do ambiente externo, como a utilização de hortas; iluminação natural; ventilação natural; Assinatura local, ou seja, linguagem e forma do edifício em destaque na paisagem; e conexão com a comunidade.

O espaço da entrada das escolas, segundo Azevedo(2002), é um espaço importante, já que este é um espaço de transição entre área pública e privativa da escola, de forma que estabelece relações com a comunidade e a instituição de ensino. Esse é um ponto de encontro para conversas e troca de experiências entre pais e familiares enquanto aguardam a entrada ou saída dos alunos, ou mesmo um local importante no contato da criança com a escola, considerando os medos da criança que se separa dos cuidados maternos pela primeira vez. Para uma entrada receptiva, as entradas principais devem ser facilmente identificadas, além de contar com algum mecanismo de controle de acesso de usuários e visitantes, para garantir segurança aos usuários (AZEVEDO, 2002).

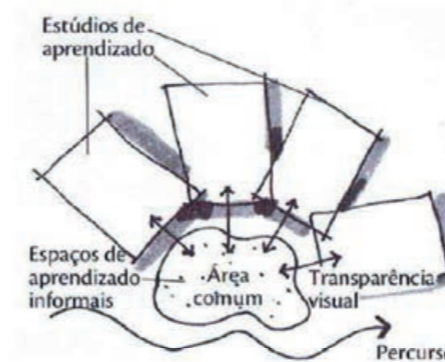
Outro aspecto importante para Azevedo (2002) é a possibilidade da edificação oferecer percursos variados para a exploração do espaço pelos usuários. Essa circulação pode estimular a exploração e descoberta, e tornar-se fator importante para o aprendizado e construção do conhecimento, desde que os caminhos sejam bem marcados e orientem os usuários ao destino imaginado. Além disso, segundo a autora, estes percursos devem ser tratados com cores e formas variadas, para estimular que crianças fiquem curiosas e sintam-se convidadas a participar dos espaços, já que a oportunidade de tocar, ver, sentir e ouvir estimula os sentidos e o aprendizado. Souza (2018) afirma que “uma vez sentindo-se mais parte do local, as pessoas têm sua participação ampliada. Um exemplo é o sentimento de controle passado aos usuários, a capacidade de modificar o local como desejarem, como um espaço pessoal – mesmo que este não seja essencialmente individualizado[...]



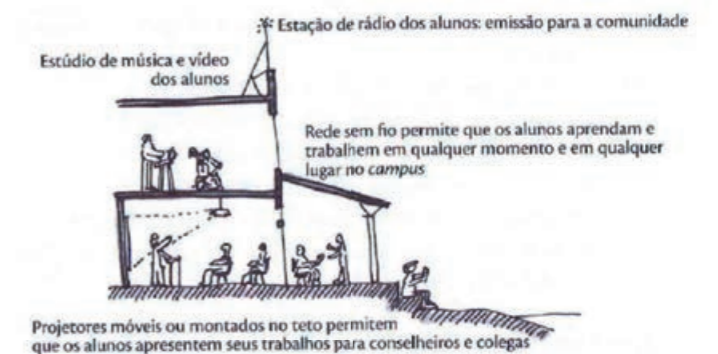
Parâmetro de projeto 03 -Espaços de exposição de trabalhos dos alunos. Fonte: Kowaltowski (2011) p.177



Parâmetro de projeto 06 - Arte, Música e Atuação. Fonte: Kowaltowski (2011) p.178



Parâmetro de projeto 09 - Transparência. Fonte: Kowaltowski (2011) p. 181



Parâmetro de projeto 11 - Tecnologia Distribuída. Fonte: Kowaltowski (2011) p.182

4.2 Novas Metodologias na Educação

A sociedade nas últimas décadas tem sofrido rápidas mudanças, sejam elas sociais, tecnológicas, comportamentais, culturais, científicas ou econômicas, assim não seria diferente com a Educação. Essa tem sido amplamente influenciada por essas mudanças, tanto pela facilidade de acesso a tecnologias e internet, que proporcionam novas dinâmicas de ensino, quanto pelas mudanças sociais e comportamentais, e mesmo o avanço em pesquisas relacionadas ao ensino.

Paulo Freire, reconhecido educador brasileiro, defende em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) que a curiosidade é fator importante na aprendizagem e valoriza a autonomia do aluno na busca por conhecimento. O autor considera que é importante estimular a curiosidade dos alunos, através de vivências e experiências onde os mesmos podem assumir a responsabilidade pela própria aprendizagem, em oposição ao ensino onde o professor repassa várias informações e o aluno as recebe de forma passiva.

Andrea Filatro e Carolina Costa Cavalcanti (2018) apresentam um apanhado de metodologias que têm se mostrado eficazes nos últimos anos e as quais as autoras apontam como o futuro da Educação. As autoras apresentam um guia de aplicação prática dessas diversas metodologias, com intuito de auxiliar os profissionais de Educação a aplicá-las em sala de aula e também dividem essas em quatro grupos de metodologias: ativas, ágeis, imersivas e analíticas. As metodologias ágeis possuem como princípio o protagonismo do aluno, a colaboração e ação-reflexão. Metodologias ágeis focam principalmente na economia de atenção, através de aprendizagens em espaços curtos de tempo. Metodologias imersivas focam no engajamento e diversão, com aprendizagem através da experiência e costumam utilizar tecnologias como em simuladores, jogos digitais, realidade virtual e realidade aumentada. Já as metodologias analíticas se apoia na avaliação e utiliza as dificuldades dos alunos como dados para o tutor reconhecer onde pode melhorar.

Entre diversas soluções dentro do grupo de metodologias ativas apresentadas por Filatro e Cavalcanti (2018), uma que poderia se encaixar na proposta do presente trabalho é o Design Thinking (DT). Essa abordagem prevê a escuta, a observação, a investigação, a projeção de soluções, a prototipagem e a implementação das soluções criadas que melhor se aplicam a cada situação. O DT pode ser desde um processo lento que dura meses, até um rápido workshop em algumas horas. Essa abordagem estimula a criatividade e a inovação, e de forma empática busca compreender os desejos e necessidades das pessoas impactadas pelo problema que lhes é apresentado.

As metodologias citadas anteriormente podem ser aplicadas ao projeto do museu proposto neste trabalho. As exposições podem ser focadas em pequenos tópicos a serem vistos, assim como nas metodologias ágeis, ou através de instrumentos imersivos como a realidade virtual ou aumentada, assim como nas metodologias imersivas. Salas destinadas a workshops baseado no método do Design Thinking podem proporcionar atividades onde o público é ativo nas decisões, assim como nas metodologias ativas. Em relação às metodologias analíticas, o museu pode servir como banco de dados, através de questionários respondidos pelos visitantes, de forma a analisar tanto a satisfação dos usuários em relação ao museu, quanto o conhecimento adquirido nas escolas, para que as escolas de Flo-

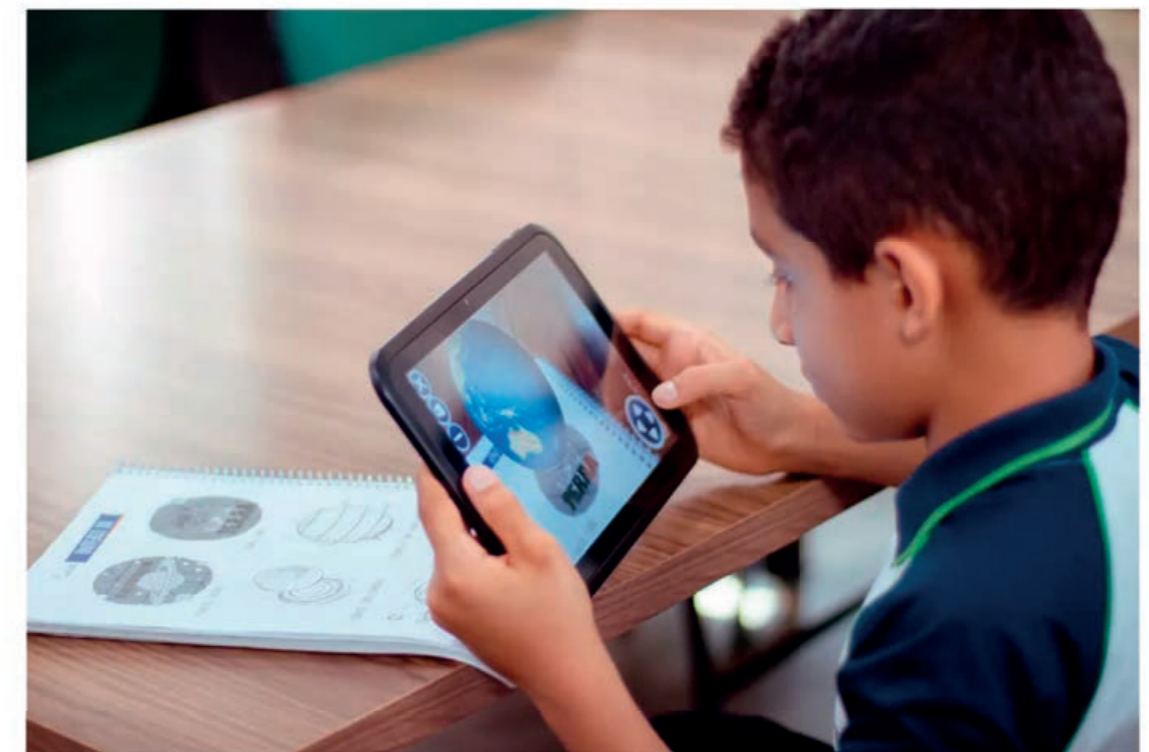


Utilização dos óculos de realidade virtual em salas de aula.

Fonte: Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em:

<http://web.tecnico.ulisboa.pt/ist182015/cmuf/index.html>

Acesso em: 10 set. 2020.



Utilização da realidade aumentada em materiais didáticos. Fonte: Escolas IDAAM.

Disponível em: <https://www.idaam.com.br/portal/>. Acesso em: 10 set. 2020.

4.3 Arquitetura do Acolhimento e Psicologia Ambiental

Um projeto que abrange situações delicadas como o tema deste trabalho devem considerar em sua concepção aspectos psicossociais e as relações interpessoais. Nem todo usuário pode ficar confortável em temas considerados tabus, assim como muitas vítimas de violência e abuso podem estar desconfortáveis e com medo em uma situação de denúncia. Por isso é necessário compreender de que forma a edificação pode contribuir positivamente para amenizar esses possíveis incômodos pessoais dos usuários.

Segundo Azevedo, Silva e Junt (2017), que analisaram uma casa-lar de acolhimento para gestantes, os espaços projetados para o acolhimento dos usuários precisam considerar questões relacionadas ao conforto térmico, acústico e lumínico, além do conforto visual, respeito pela coesão com o espaço exterior. Também a forma como os espaços são orientados e dispostos deve possibilitar ergonomia adequada ao usuário, mobilidade e acessibilidade.

Fuão (2015) explica que o acolhimento se dá na Arquitetura através da abertura e da forma côncava. O autor afirma que as enseadas na natureza exercem um acolhimento natural, ao proporcionar a visualização de todos que estão ao lado e ao permitir ser visto por todos, não em um sentido de instrumento de controle, mas sim de pertencimento a um todo. Além disso o autor defende que um lugar fechado nunca será acolhedor e hospitaleiro, já que o acolher está diretamente relacionado ao abrir, entretanto, o mesmo afirma que um campo todo aberto não permite ao sujeito se sentir acolhido e protegido (FUÃO, 2015).

Outro fator importante a ser levado em conta é a privacidade. Em Lições de Arquitetura (HERTZBERGER, 1999), o autor aborda questões de privacidade nos ambientes públicos e privados e defende que os edifícios e a rua devem possuir uma fronteira intermediária entre os dois.



Exemplo de enseada, forma côncava natural. Disponível em: <https://www.halfmoonbayantigua.com/>
Acesso em: 14 set.2020.

Ambientes Restauradores

Na área de estudos da Psicologia Ambiental há duas linhas de pesquisa que tratam sobre o conceito de Ambiente Restaurador. Há a proposta por Ulrich (1983, apud. GRESSLER, S. C; GUNTHER,.), que trata sobre a influência do ambiente na redução do estresse. A outra linha de estudos tem como autores Rachel e Stephen Kaplan (1983) e está ligado à restauração da capacidade de atenção.

Ulrich (1983, apud. GRESSLER, S. C; GUNTHER) considerou que certos aspectos da natureza possuem a capacidade de promover recuperação psicofisiológica ao estresse, como a água e a vegetação, como gramados e árvores.

Um estudo de Ulrich (1984, apud. GRESSLER, S. C; GUNTHER) foi realizado em um hospital entre 1972 e 1981. De acordo com os resultados desse estudo, pacientes que possuíam o mesmo quadro clínico, quando colocados em leitos que permitiam a visão da natureza pela janela do hospital, tiveram em sua maioria menor tempo de internação pós-operatório, se saíram melhor na avaliação das enfermeiras e precisaram de menos analgésicos. Já os pacientes que se encontravam em quartos com janelas com vista para uma parede de tijolos do edifício ao lado, não obtiveram o mesmos benefícios nos resultados. Os resultados da pesquisa apontam que um vislumbre de elementos naturais pode possibilitar a recuperação do estresse.



Museu CosmoCaixa, em Barcelona, Espanha. Exemplo de utilização da natureza em conjunto com a Arquitetura. Imagem retirada da internet..

4.4 Museus, Educação e Arquitetura

É importante antes de falar de museus, que compreenda-se o leque de possibilidades que podem definir um edifício como tal. A Lei Nº 11.904 (BRASIL, 2009), traz em seu artigo primeiro a seguinte definição de museus: “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”.

A presença de museus nas cidades não é um fenômeno recente, segundo Kiefer (2001) a ideia existe desde os primórdios, quando o ser humano decide colecionar e guardar objetos para si ou para deuses em salas construídas especificamente para este fim. É no período da Renascença que os Museus Nacionais passam a ter maior impulso, e desenvolve-se também uma paixão pelos gabinetes de curiosidades, onde se reuniam exóticos objetos, animais e obras trazidos por exploradores. Assim se forma uma divisão de direções dos museus entre arte e curiosidade, como por exemplo um museu de belas-artes e um museu de História Natural (KIEFER, 2001)

Com o passar dos anos os objetivos e enfoques dos museus sofreram grandes modificações, ao deixar de lado o até então exclusivo caráter histórico-cultural de suas atividades e tornar-se um importante instrumento de educação não formal de fácil acesso a população, e não mais somente a uma minoria (GALLON et al, 2017).

Nos museus contemporâneos identificam-se mudanças: a descrição, o processo curatorial, a desmaterialização da obra ou redimensionamento das mesmas, o uso de novas linguagens, materiais e tecnologias, assim como novas ferramentas de interação (ISRAEL, 2011). Segundo a autora, os museus mais tradicionais inclusive já incorporam inovações como visitas virtuais e ferramentas digitais. Para Velho, Ody e Lara (2014) os museus interativos permitem repensar estratégias de pedagogia, como a interdisciplinaridade e a pesquisa, as quais favorecem o ensino e aprendizagem.



Figura 04- Tela de abertura do multimídia. Fonte: MANO; GOUVEIA; PALMA, 2004

O Museu da Vida desenvolveu um multimídia que exemplifica formas de tratar o tema de forma leve e didática. O multimídia “Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias” (MANO; GOUVEIA; PALMA, 2004), desenvolvido pelo Museu da Vida, foi apresentado para 36 jovens, com idade entre 16 e 21 anos, de comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro. Os jovens avaliaram positivamente o multimídia através de um questionário posterior, com nota 4,6 de um máximo de 5. Entre as respostas, 17 delas justificaram a boa nota atribuída devido ao efeito educativo do conteúdo apresentado, e 13 das respostas devido ao interesse despertado pela temática. O multimídia traz como tela inicial a imagem ilustrada (Figura 04) de uma praça com vários jovens, e da praça acessa-se o Games, o Cinema, o Posto de Saúde e o Caderno de Perguntas, cada qual com atividades diferentes. O Games dá acesso a um quiz que, através das respostas dadas, avança uma animação que conta a história de um relacionamento de um casal, até o momento do sexo. O Cinema apresenta trechos de filmes que abordam os temas como o aborto, prostituição, iniciação sexual, gênero e relacionamento amoroso. Ao clicar no Posto de saúde o multimídia apresenta hipertextos, que além de explicar a parte biológica do sexo, também explica algumas outras questões como: a primeira relação sexual, uma entrevista com um pai adolescente e testes sobre comportamento amoroso, entre outros. Os textos falam sobre sexo e sexualidade sob o enfoque das emoções e relações humanas. O Caderno de Perguntas se trata de um espaço para os estudantes depositarem suas dúvidas e experiências pessoais de forma anônima. Além das trocas entre estudantes, esta seção permite uma avaliação posterior dos profissionais da área em relação a quais áreas necessitam melhor esclarecimento entre os jovens. (MANO; GOUVEIA; SCHALL, 2009)

O multimídia apresentado serve de exemplo para a construção de exposições museais que sejam didáticas e que tragam novos conhecimentos relevantes aos jovens. Assim como o Caderno de Perguntas do multimídia, no museu poderia haver um espaço dedicado a coleta de dúvidas e relatos pessoais, desta forma pais, escolas e sociedade poderiam compreender melhor as dúvidas das crianças e adolescentes, e assim compreender onde há déficit no ensino. Desta maneira os déficits no aprendizado podem ser facilmente encontrados e aprimorar tanto as exposições do próprio museu, como o ensino nas escolas.



Figura 05- Ambientes do multimídia. Fonte: MANO; GOUVEIA; PALMA, 2004

4.5 Estudo de Casos

iMuseu da Diversidade Sexual (MDS) - São Paulo

Fundado em 2012 e vinculado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, o Museu da Diversidade ou Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo objetiva garantir que o patrimônio cultural da comunidade LGBT brasileira seja preservado, através da coleta, organização e disponibilização pública de referências materiais e imateriais. Também visa pesquisar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da comunidade LGBT brasileira e, em especial, paulista, valorizar a importância da diversidade sexual na construção social, econômica e cultural do Estado de São Paulo e do Brasil e publicar e divulgar documentos e depoimentos referentes à memória e à história política, econômica, social e cultural da comunidade LGBT. As atividades culturais, educativas e expositivas do Museu da Diversidade têm foco as identidades de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero das minorias. O MDS realiza outras atividades para além de suas exposições, como lançamentos de livros, leituras dramáticas, performances, atividades de formação de público, palestras, rodas de conversas e outras atividades.

O Museu está localizado dentro da Estação República do Metrô, atrás da bilheteria, porém em 2014 foi feito um concurso de projetos para restauro do Casarão Franco de Mello, localizado na Avenida Paulista, onde deveria estar incluso um edifício anexo para ser a nova sede do MDS. O projeto vencedor foi do escritório Hereñú + Ferroni Arquitetos, porém o projeto nunca foi executado.

Os pontos positivos identificados do Museu da Diversidade, além de sua proposta de trazer visibilidade para a população LGBT, são: facilidade de acesso, proximidade a grande fluxo de pessoas e conseqüentemente grande visibilidade. Já os pontos negativos, por se tratar de um espaço subterrâneo junto à uma estação de metrô, são: espaço reduzido, ausência de ventilação e iluminação natural e por conseqüência maior consumo energético.

Museu de Ciência NEMO - Amsterdã



Inaugurado em 1997 no centro de Amsterdã, o Museu de Ciência NEMO foi projetado pelo escritório italiano Renzo Piano Building Workshop e é um bom exemplo de projeto de museu interativo. As exposições do museu são focadas na exploração do uso da tecnologia de forma interativa. O principal objetivo é estimular os sentidos humanos através das exposições, produções teatrais e cinematográficas, mostras, oficinas, entre outras formas de expressão.

De acordo com a descrição dos projetistas, em tradução livre: "Dentro do museu a atmosfera não é monumental, é sóbria e simples para enfatizar as exposições ao invés do edifício. A orientação no museu é evidenciada pela luz natural que penetra no espaço central aberto. Seguindo o exemplo das iniciativas americanas e europeias, há exposições temporárias e permanentes sobre comunicação, energia, humanidade, fenômenos e tecnologia, todas com técnicas de exibição interativa." (RENZO PIANO BUILDING WORKSHOP, 2020)

Os pontos positivos identificados para esse projeto incluem: grande capacidade de visitantes, extensa quantidade de exposições e mostras interativas, atração para usuários de diversas faixas etárias, utilização e ensinamento de tecnologias sustentáveis, aproveitamento da cobertura, boa localização e acesso facilitado para pedestres. Quanto aos pontos negativos foi identificado: apesar dos projetistas afirmarem ter pensado na iluminação natural, há poucas aberturas realmente e não utilizam o potencial da cobertura para inserir iluminação zenital, assim a iluminação natural se restringe a alguns pontos somente, maior consumo energético.



Entrada Museu da Diversidade. Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/nwkmBe1aJydCibEj6>. Acesso em 2 ago. 2020.

Interior Museu da Diversidade. Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/nwkmBe1aJydCibEj6>. Acesso em: 14 set.2020.

Vista externa do NEMO e atividade interativas. Fonte: NEMO Museum. Disponível em: <https://www.nemosciencemuseum.nl/en/>. Acesso em: 10 set. 2020.

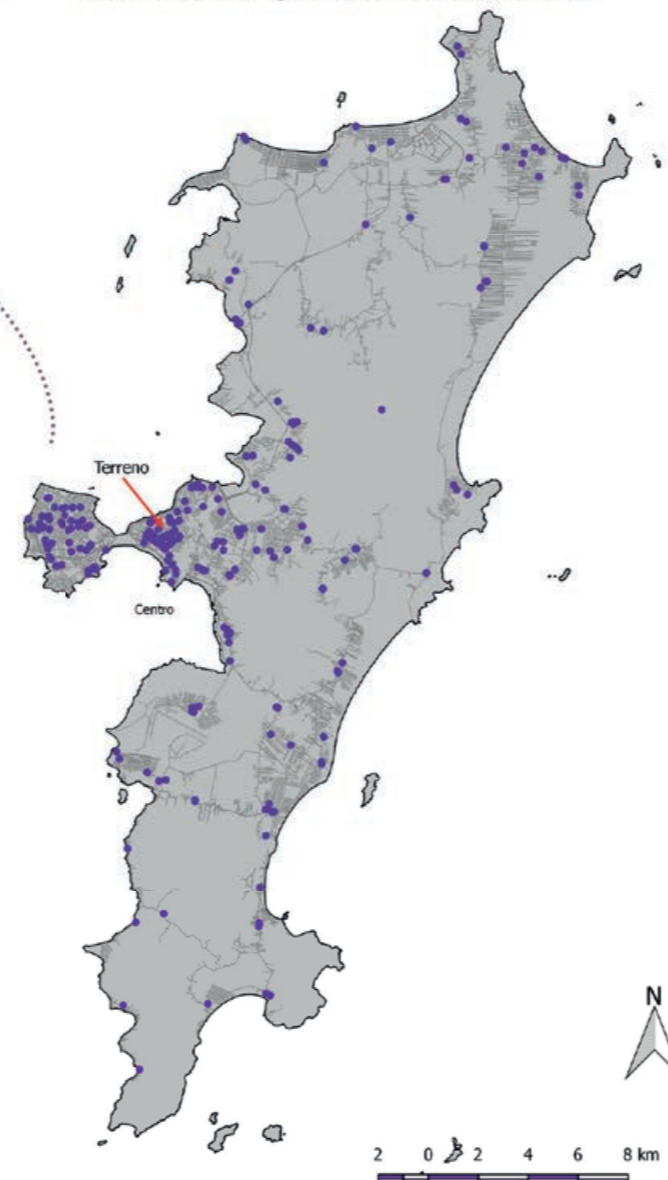
05 - A Proposta

5.1 Terreno e Entorno

Para a escolha do terreno do museu é preciso primeiro definir o bairro de Florianópolis que irá recebê-lo. Como o objetivo é atingir todas as faixas etárias, mas com um enfoque principal às faixas etárias em fase escolar, foi analisado então a localidade de Florianópolis que mais possui equipamentos educacionais, para que o deslocamento das escolas para o museu se dê em um caminho mais rápido e curto. O Centro de Florianópolis comparado com os outros bairros possui a maior concentração de escolas, tanto particulares como públicas, desde o ensino infantil até o ensino médio (Mapa 01 e 02). Além de o Centro possuir maior conectividade com outros bairros, através do transporte público que converge para a região central, assim mesmo as escolas mais distantes terão fácil acesso (Mapa 03). O fluxo de pessoas na região também colabora para dar maior visibilidade ao museu, fato este que influencia no alcance de um maior público. Por esse motivo, o Centro foi escolhido como região para o museu proposto.



FLORIANÓPOLIS EQUIPAMENTOS EDUCACIONAIS



Legenda
• Equipamentos educacionais - Base Geoprocessamento PMF (2014)
— Vias públicas - Base Geoprocessamento PMF (2012)
■ Terreno
□ Limite municipal de Florianópolis - Base Geoprocessamento PMF (2014)

Mapa 02 Equipamentos Educacionais e Terreno..
Fonte: Autoria Própria

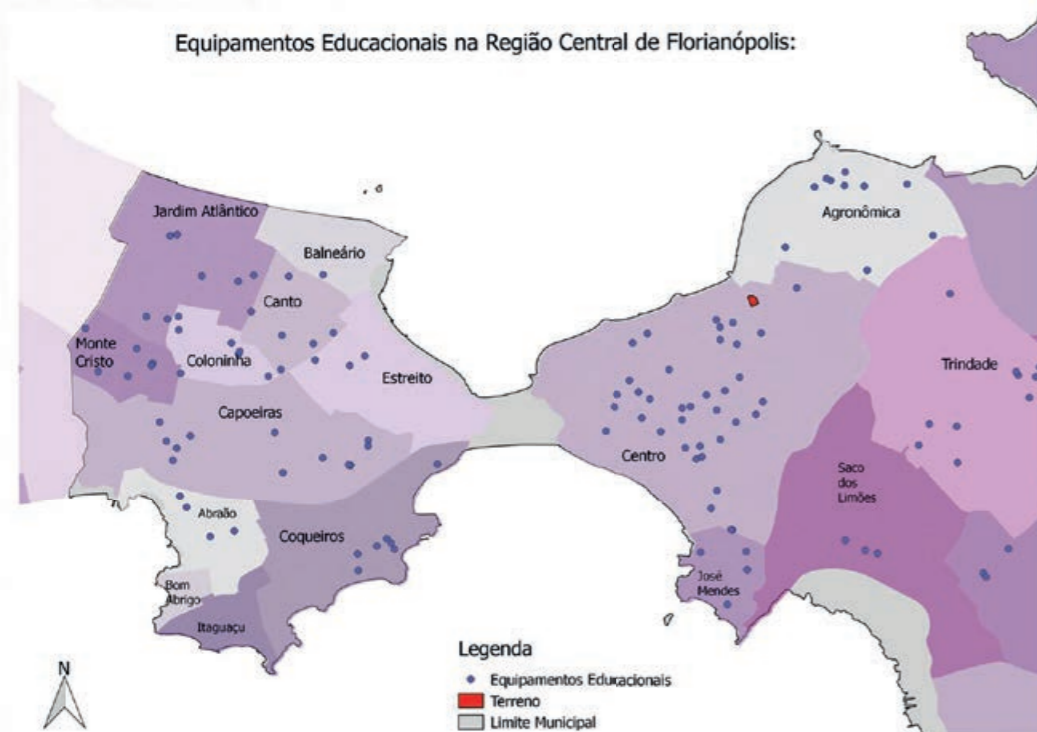
REDE DE TRANSPORTE PÚBLICO QUE ABRANGE O TERRENO DA PROPOSTA EM SEUS ITINERÁRIOS.



Legenda
— Itinerários das linhas de ônibus - Fonte: Consórcio Fênix (2020)
■ Terreno
— Vias públicas - Base Geoprocessamento PMF (2012)
□ Limite municipal de Florianópolis - Base Geoprocessamento PMF (2014)

Mapa 03: Rede de Transporte Público em Florianópolis com acesso direto ao terreno. Para elaboração do mapa foram selecionadas as linhas de ônibus que abrangem os pontos de ônibus próximos em seus itinerários, 2 pontos na Avenida Mauro Ramos em frente ao terreno, um em cada sentido, e outro ponto localizado na rua Bocaiúva, também próximo. Fonte: Autoria própria

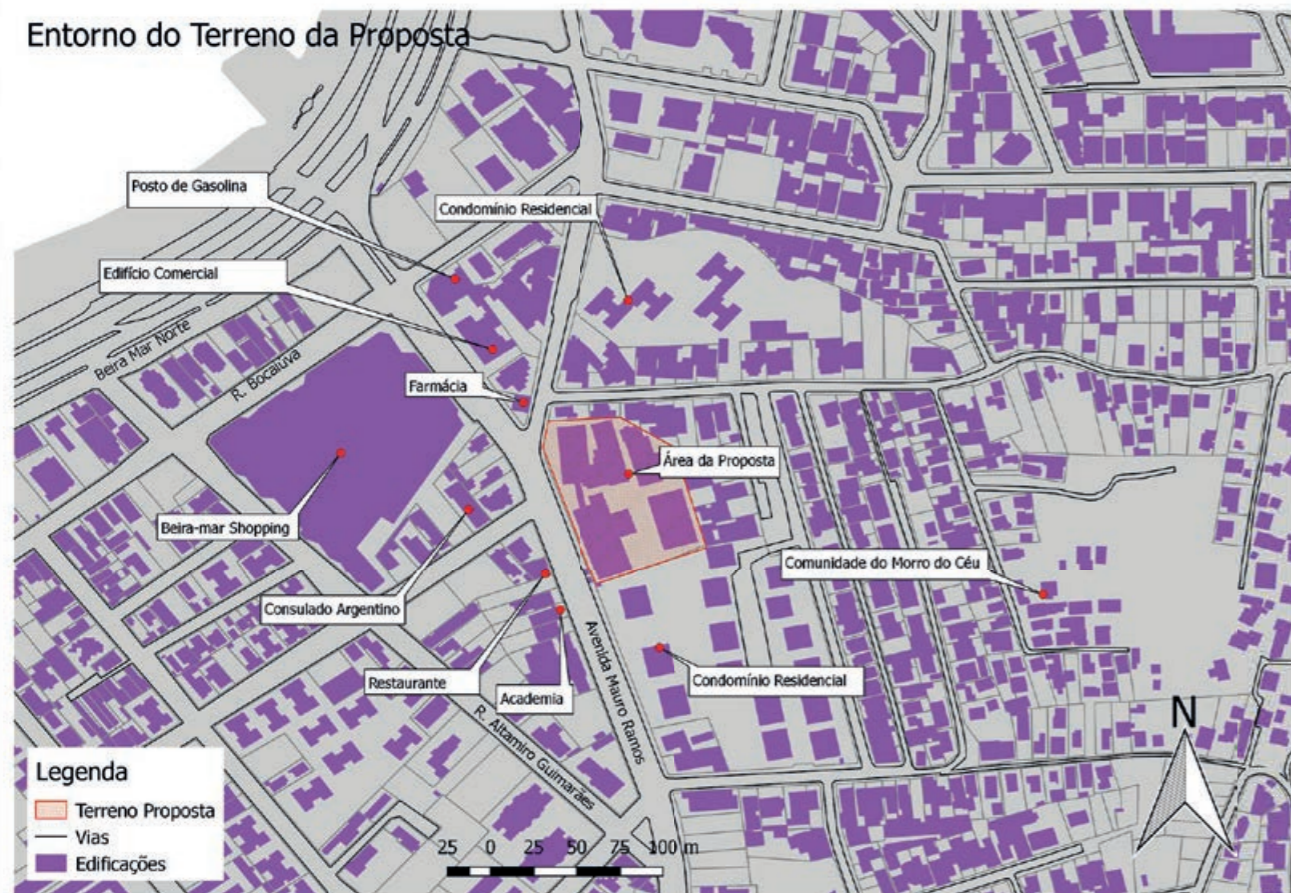
Equipamentos Educacionais na Região Central de Florianópolis:



Mapa 01 Equipamentos Educacionais região central e Terreno..
Fonte: Autoria Própria



Entorno do Terreno da Proposta



Mapa 04: Entorno do terreno da proposta. Fonte: Autoria própria

O terreno escolhido, segundo consta na Prefeitura Municipal de Florianópolis, pertence ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), um terreno público Federal onde há galpões subutilizados que eram utilizados pelo INSS e que atualmente está interditado, usada como depósito e com estrutura deteriorada. Esses galpões são compostos por alvenaria, possuem estrutura de concreto e cobertura de cimento-amianto. São 4959 m² de área construída, em um terreno de 7064m², com 92,3m de testada para a Av. Mauro Ramos e mais 21,3m para a Rua Demétrio Ribeiro, de acordo com cadastro na Prefeitura Municipal.

A localização do terreno é adequada para a instalação do museu proposto, pois próximo a ele encontram-se pontos importantes na cidade e que geram movimento pelas proximidades, além de possuir fácil acesso através do transporte público por ter pontos de ônibus próximos e se situar em uma rota comum à diversas linhas de ônibus da cidade. O principal ponto próximo é o Beira Mar Shopping, que atrai os moradores da cidade e gera diariamente movimentação.

O terreno se encontra também próximo a Beira Mar Norte, onde muitas pessoas utilizam como área de lazer para caminhadas, andar de bicicleta e praticar esportes. É possível nas proximidades, além de área residencial, encontrar posto de gasolina, farmácia, autoescola, centro comercial, praça, hotel e mesmo um consulado argentino (mapa 04). Essa portanto é uma área movimentada onde a instalação de um museu poderia ser bem utilizada.

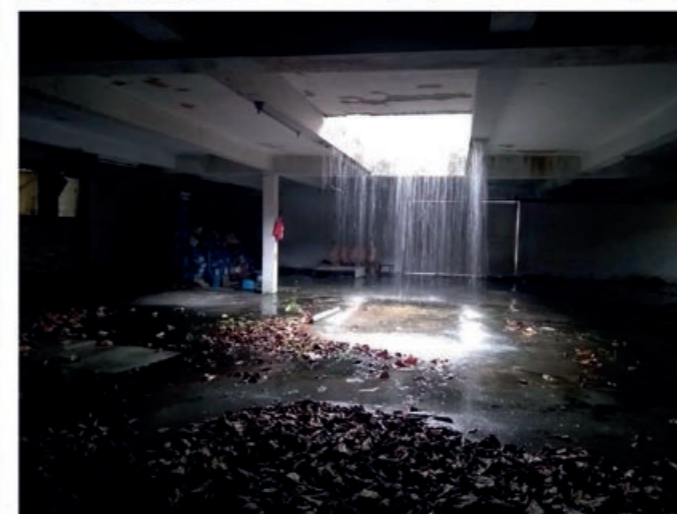
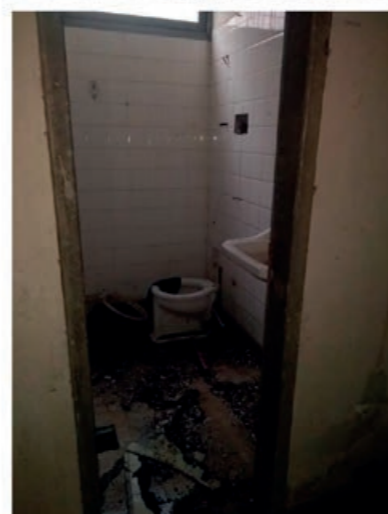
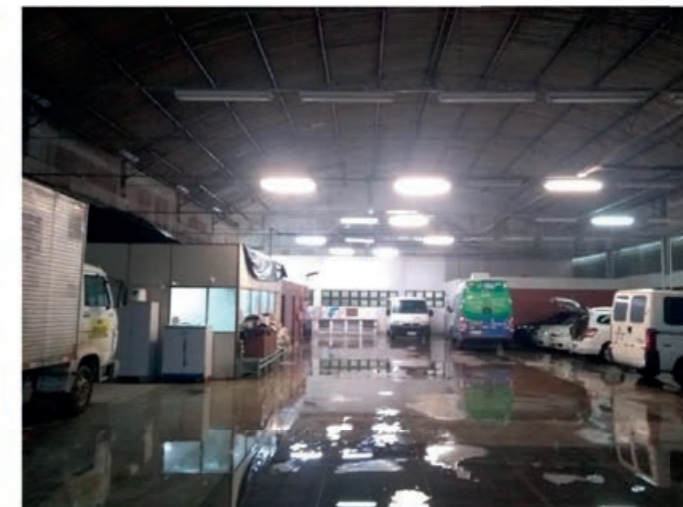
O conjunto de galpões é fechado ao público, controlado por um vigia, com acesso permitido apenas aos funcionários. Para entrada do autor no local foi necessária a autorização da equipe de segurança após análise do pedido formal.

A entrada pelo cenário de abandono ocorreu em um dia chuvoso, em 1º de março de 2021, o que permitiu reparar com mais detalhes o estado das coberturas. Além de goteiras, haviam pontos onde chovia direto dentro, e pontos onde formou-se até mesmo uma queda de água, como uma cascata no interior das edificações.

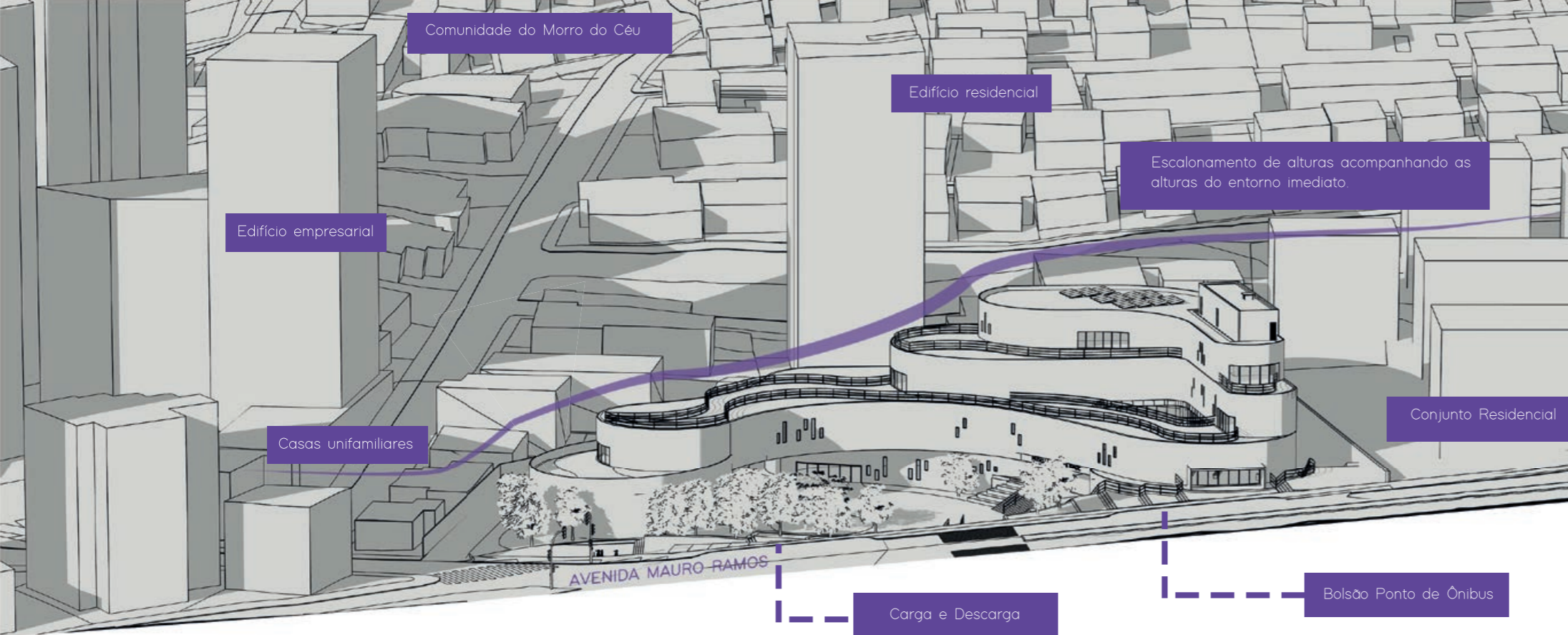
Ferragens expostas, cobertura caindo, paredes com infiltração, esquadrias quebradas, banheiros destruídos. O cenário alcançou um ponto de degradação onde não valeria a pena o custo de restauro. Não foram identificados no local valores patrimoniais relevantes para a manutenção desses galpões na cidade, por este motivo optou-se pela demolição total dos galpões, a fim de gerar um novo espaço de uso coletivo na cidade.



Foto tirada no local pelo autor.



Fotos tiradas no local pelo autor.



Perspectiva do projeto visto da Avenida Mauro Ramos.

5.2 Entorno Imediato

A Avenida Mauro Ramos encontra-se em aclive, assim a via possui uma diferença de alturas de aproximadamente 7,20 metros do ponto mais baixo ao ponto mais elevado.

Ao lado, porção mais baixa, há residências unifamiliares de 1 a 2 pavimentos. O mesmo segue na rua de trás, paralela à Av. Mauro Ramos, com a exceção de um alto edifício residencial. Já na porção mais elevada da Av. Mauro Ramos, encontrasse um condomínio residencial, com blocos de 4 pavimentos.

Ao considerar essas diferenças de altura, foi pensado o museu com a forma escalonada, para que o mesmo acompanhe tanto o declive da avenida principal, quanto harmonize com as construções do entorno.

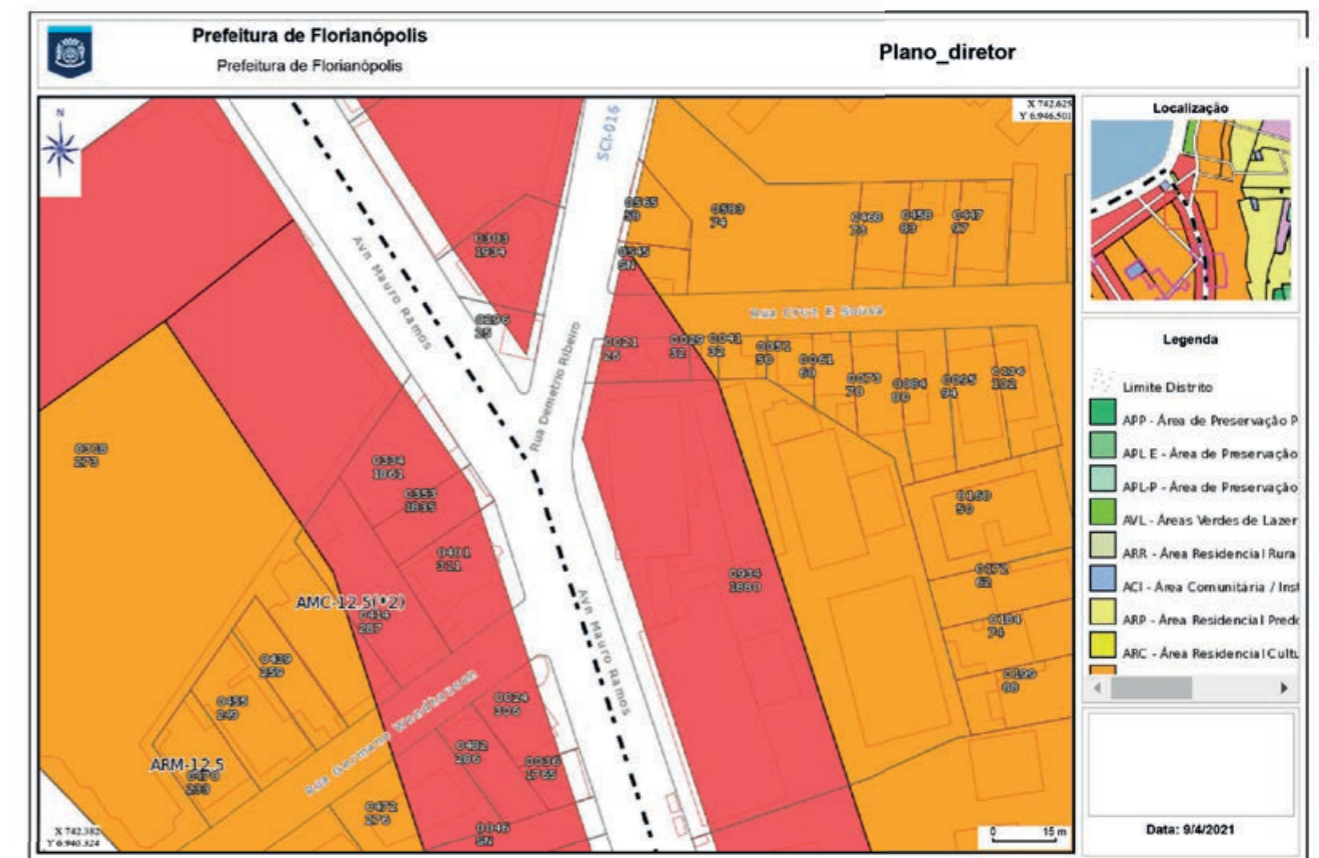
Na proposta foi ampliado o passeio público, para criação de um bolsão para parada de ônibus, e outro para carga e descarga, para que ônibus escolares principalmente possam deixar as crianças e adolescentes.

5.3 Plano Diretor

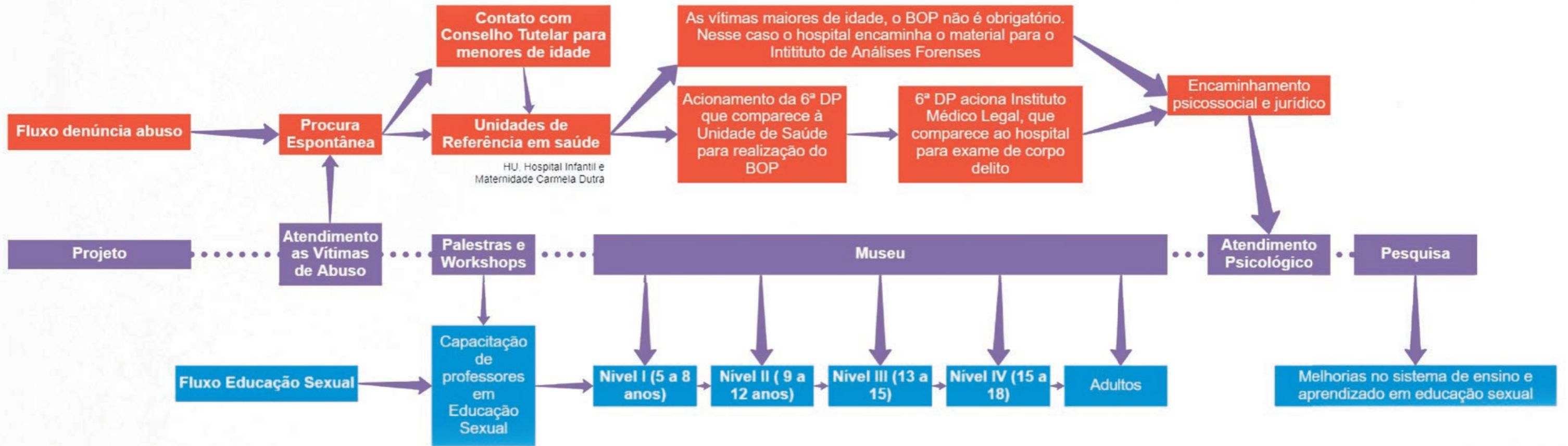
De acordo com o Plano Diretor vigente (FLORIANÓPOLIS, 2014). O terreno encontra-se em uma Área Mista Central (AMC 6.5). Sua taxa de ocupação máxima permitida nos 2 primeiros pavimentos é de 50%, enquanto que a porcentagem permitida para os demais pavimentos segue a seguinte equação: 40 - Número de Pavimentos.

O Coeficiente de Aproveitamento mínimo é de 1, e máximo de 3,36.

O número máximo de pavimentos permitidos é de 6, com até 28 metros de altura. Já a taxa de impermeabilização do solo é de no máximo 70%.



Mapa de uso do solo do Plano Diretor de Florianópolis. Fonte: Geoprocessamento



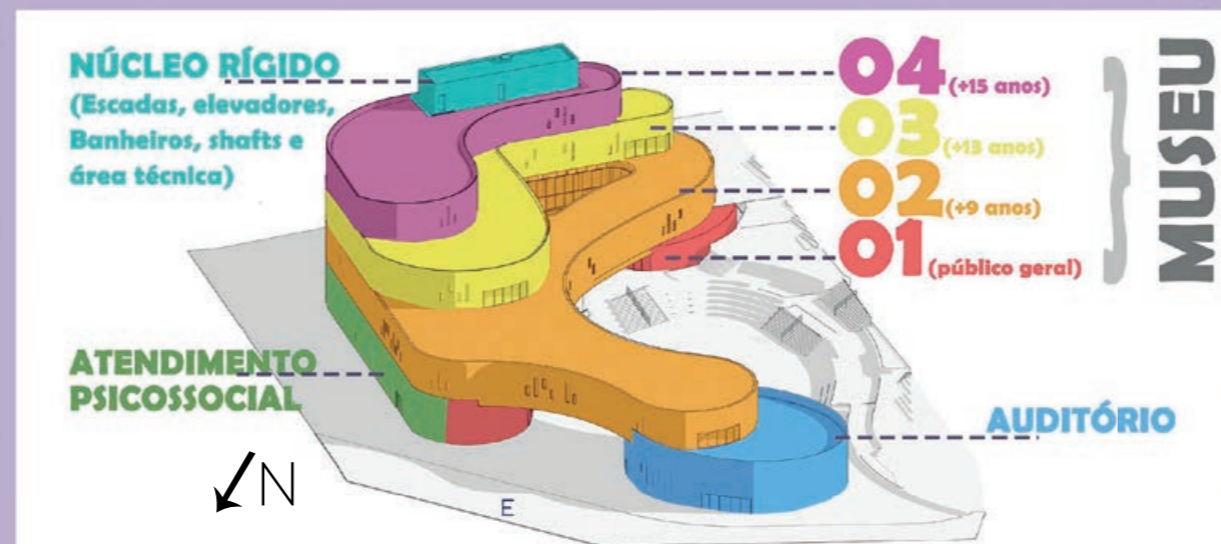
Fluxograma da inserção do projeto nas etapas da Educação de das denúncias. Autori Própria

5.4 Público-Alvo

Apesar de o museu ser uma proposta aberta a toda a comunidade para reforçar a Educação Sexual na cidade, ele é pensado de forma focada em 2 grupos específicos.

O primeiro grupo a quem se destina o museu são aos alunos das escolas da região. São 183 escolas, de acordo com última estimativa do IBGE em 2018, com 51.332 matrículas de ensino fundamental e 16.357 em ensino médio, com o total de 37.989 alunos matriculados em 2018. Assim, o edifício deve ter condições de abrigar grande número de visitantes simultâneos, que chegam em grupos escolares.

O segundo grupo alvo da proposta são as pessoas que sofreram algum tipo de abuso ou violência. Para melhor receber esse grupo o projeto se apropria de conceitos de acolhimento e de psicologia ambiental, para que o benefício não seja somente do programa de atendimento psicológico, mas que a própria Arquitetura tenha influências positivas no indivíduo, ou pelo menos que o mesmo não traga emoções negativas para o usuário em situação de estresse.

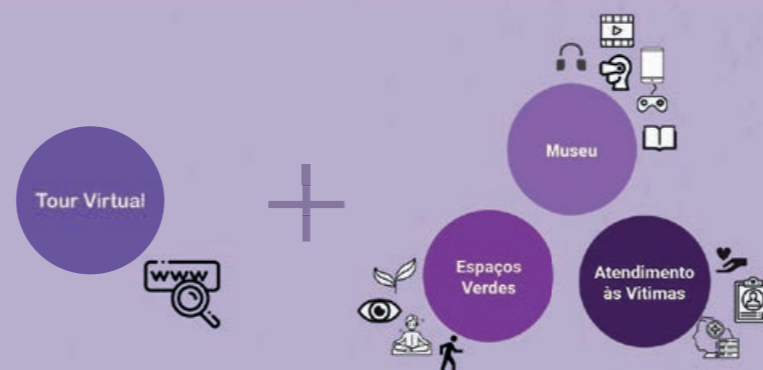


5.5 Funcionamento.

O edifício se divide em 3 grandes áreas: Áreas Verdes, Museu e Atendimento Psicossocial. Uma área extra surge no universo virtual, com um tour virtual disponibilizado pelo site do museu, onde usuários poderão também aprender sobre a temática de forma digital.

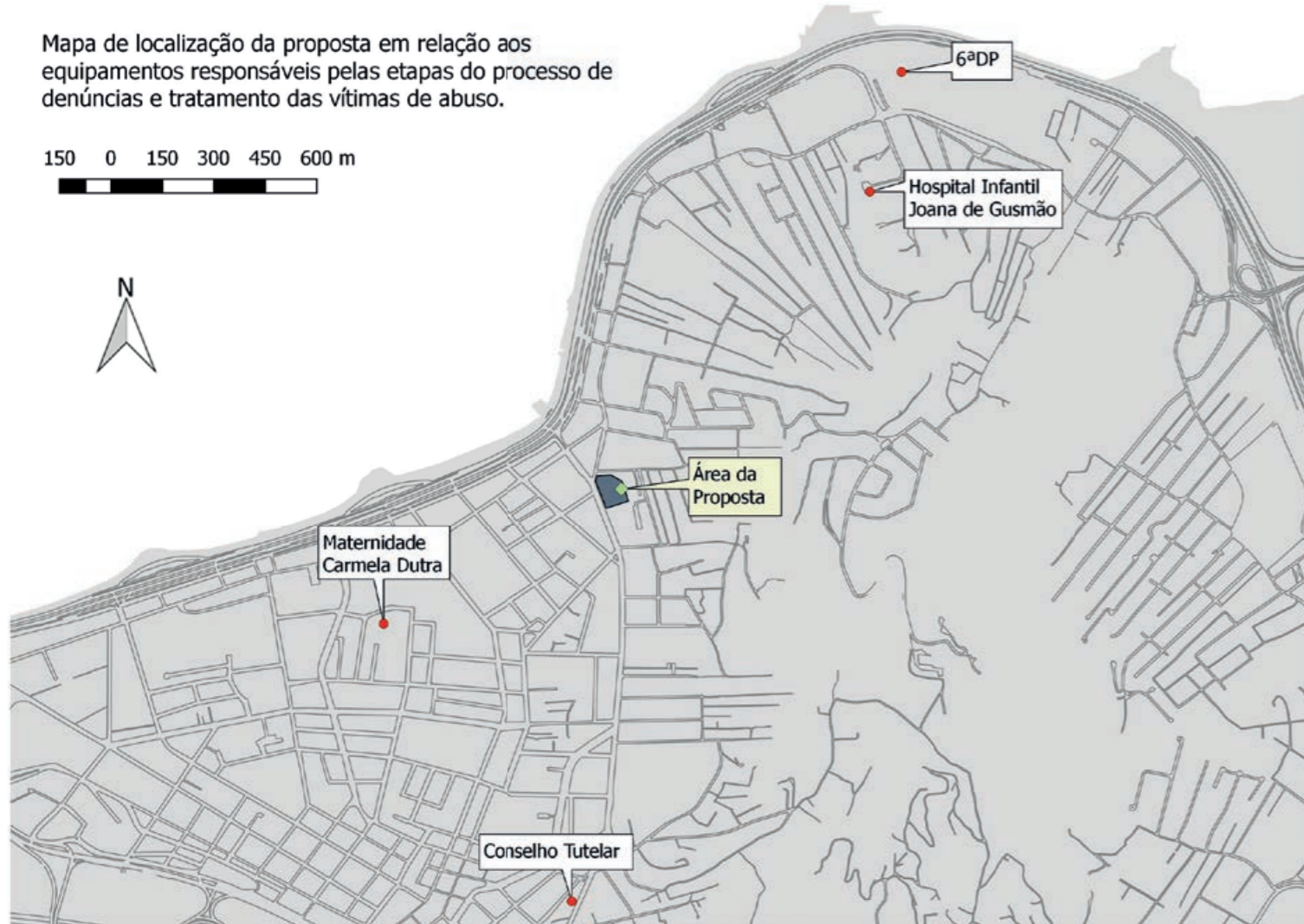
No térreo encontra-se as exposições sem classificação indicativa, e sem controle de acesso. Dessa forma, é possível acessar o nível de diferentes entradas. Também no térreo encontrasse o setor de atendimento psicossocial, com entrada mais discreta e com maior privacidade, onde a natureza se integra com o processo desde o percurso, até vista das salas de atendimento. Em um volume em destaque na porção norte do terreno, encontra-se o auditório, onde o usuário pode ver palestras, aulas, sessão de filmes e apresentações que venham a acontecer.

Ao subir pelas escadas ou elevadores, o controle de acesso às exposições surge, aumentando a classificação indicativa a cada pavimento. Até alcançar o terraço no último pavimento, de onde é possível visualizar a Beira-mar.



Mapa de localização da proposta em relação aos equipamentos responsáveis pelas etapas do processo de denúncias e tratamento das vítimas de abuso.

150 0 150 300 450 600 m



5.7 Programa de Necessidades

Museu:

Recepção+Bilheteria+Segurança
Salas de exposição de longa duração e/ de curta duração
Reserva técnica
Espaços para workshops
Sala de pesquisas
Auditório.
Sanitários
Cozinha+copa+almoxarifado
Biblioteca
Jardins de inverno
Terraços

Atendimento Psicossocial

Recepção
Administração+Copa+Almoxarifado
Sala de Estar
Salas de atendimento
Sanitário individual com chuveiro

Exterior:

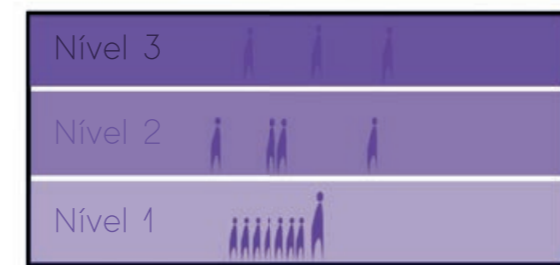
-Entrada com paisagismo + áreas de estar públicas + Áreas de Atividades externas do museu
-Estacionamento



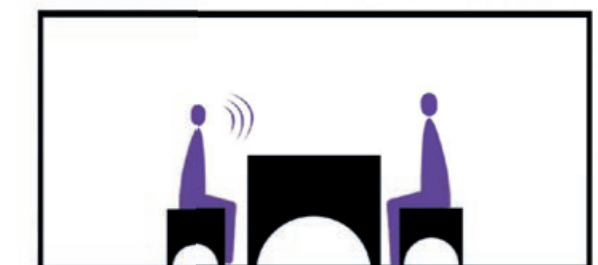
Ambientes para workshops e outras atividades de ensino em grupo. Fonte: Autoria própria



Auditório para cursos profissionalizante ou palestras com profissionais para debate de temas relevantes à Educação Sexual. Fonte: Autoria própria



Setorização do projeto por faixas etárias, a fim de focar em exposições adequadas para cada idade. Fonte: Autoria própria



Salas privadas de atendimento psicológico às vítimas de abuso e violência, bem como denúncias. Fonte: Autoria própria



Conforto térmico e lumínico a fim de trazer boas percepções aos usuários. Fonte: Autoria própria



Espaço de exposição com uso de diversas tecnologias onde o visitante possa interagir de diferentes formas. Fonte: Autoria própria

5.6 Conceito e Diretrizes de Projeto

O projeto visa dar suporte à Educação Sexual em Florianópolis, através de: Possibilidade de falar sobre assuntos Aconsiderados tabus pela sociedade; locais de escuta e aprendizagem; dar voz e ouvir vítimas de violência e abuso; exposições interativas e imersivas relacionadas ao tema; uso de novas tecnologias e metodologias de aprendizagem; e o apoio a ONGs que tratam de temas relacionados à Educação Sexual através de espaço para aluguel exclusivo a esse tipo de iniciativas.

Pela delicadeza do tema, optou-se por utilizar no projeto, a partir da pesquisa apresentada no capítulo anterior, os seguintes critérios:

- Presença de elementos naturais, tanto no jardim quanto na própria arquitetura.
- Geração de grandes espaços coletivos para palestras, aulas e apresentações.
- Espaço acolhedor no setor de atendimento psicossocial.
- Setorização do setor de exposição por faixa etária.

A forma segue um conceito de fluidez. As curvas simbolizam a fluidez da voz que ensina, da voz que denuncia, da voz que tira suas dúvidas. Também simboliza a fluidez dos corpos, da sexualidade e por fim, a fluidez da própria natureza.



5.8 Materialidade



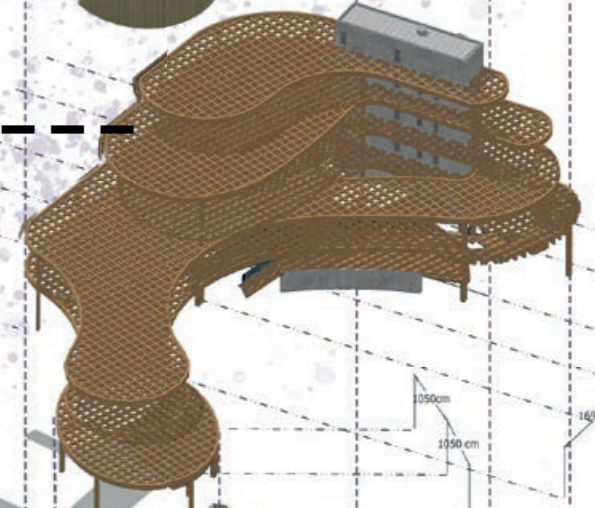
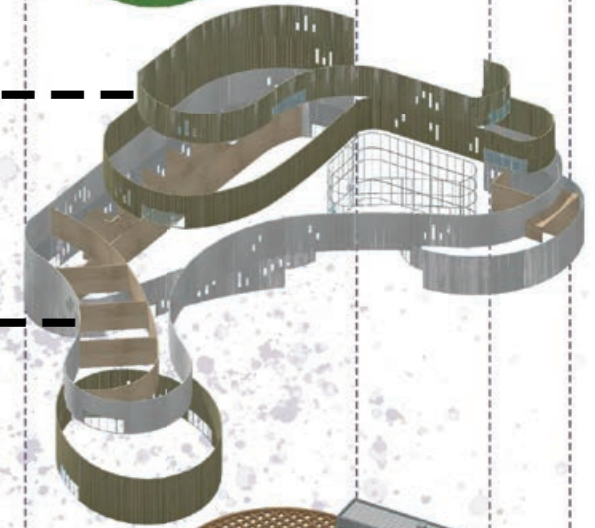
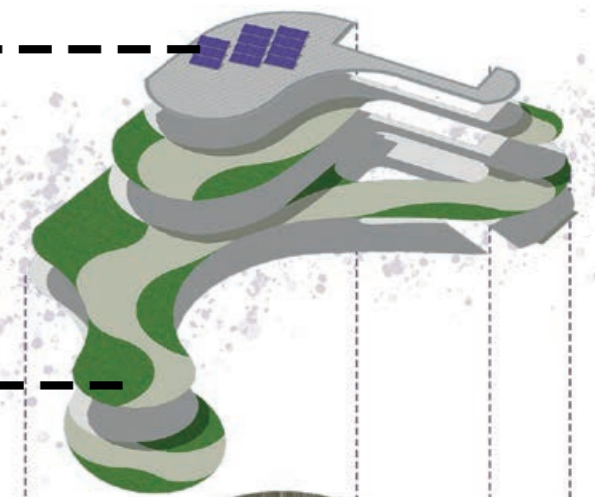
Cobertura:
-Tipo: Telha metálica sanduíche.
-Presença de painéis fotovoltaicos para geração de energia aos equipamentos do museu.

Terraços:
Piso: Elevado 15cm com escoamento pluvial por baixo.
Canteiros: 15cm de terra para pequenas herbáceas e gramíneas.

Fechamento opaco:
Woodframe, com esquadrias de madeira 40cmx80cm e 40cmx160cm dispostas de forma ritmada.

Fechamentos translúcidos:
Profilit, com esquadrias de madeira 40cmx80cm e 40cmx160cm dispostas de forma ritmada.

Estutura:
Núcleo rígido em concreto. Escada enclausurada, elevadores, shafts, banheiros, e área técnica.
Paredes de concreto: Mesanino do Térreo.
Madeira Laminada colada: restante da edificação.





Perspectiva Interna do Jardim Central.



Perspectiva Interna do Jardim Central e Mesanino



Perspectiva externa do vão

LEGENDA

- 01- Administração+copa+almoxarifado
- 02- Arquibancada
- 03- Área Técnica
- 04- Auditório
- 05- Banheiro individual
- 06- Biblioteca
- 07- Carga e Descarga
- 08- Circulação vertical
- 09- Escada Mesanino de acesso
- 10- Espaço para Exposições
- 11- Espaço para atividades em grupo
- 12- Estacionamento
- 13- Jardim posterior
- 14- Ponto de ônibus
- 15- Recepção Psicossocial+Espera
- 16- Salas de atendimento psicossocial
- 17- Sala para ONG
- 18- Sanitários

Área Coberta:
2670m²



5.9 Espacialidade



Planta Baixa Térreo
esc 1:300



Perspectiva externa da entrada do Segundo Pavimento e do bolsão de ônibus



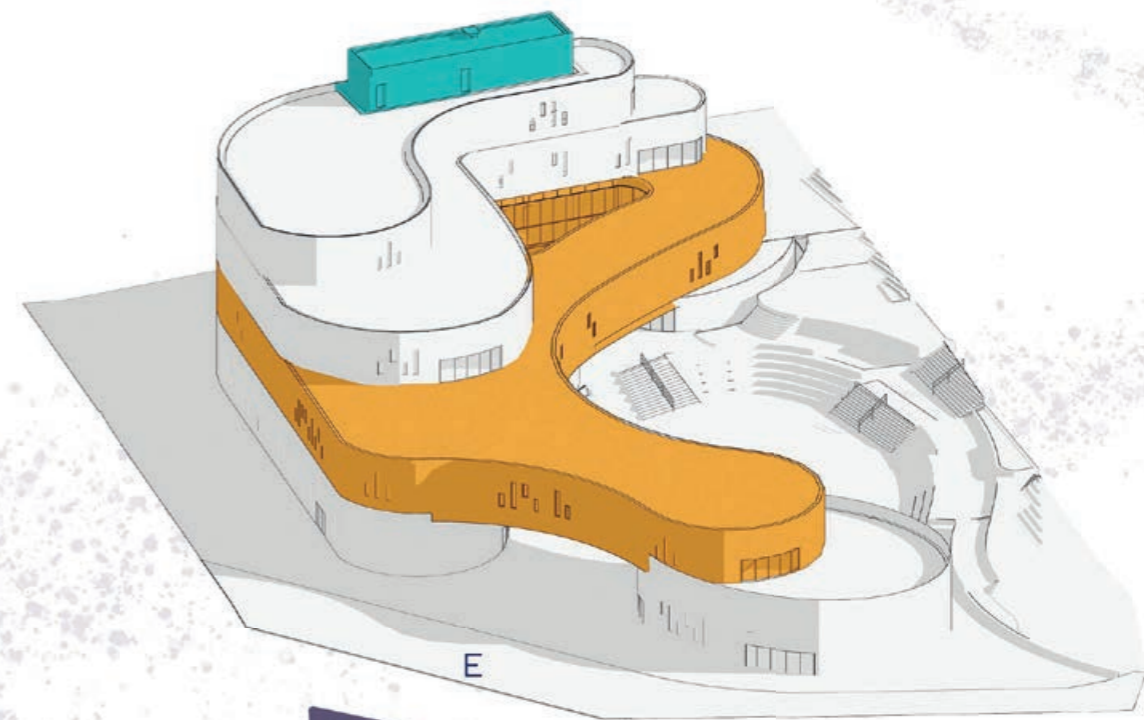
Perspectiva acesso ao Mesanino



Perspectiva acesso ao nível 02 de exposição

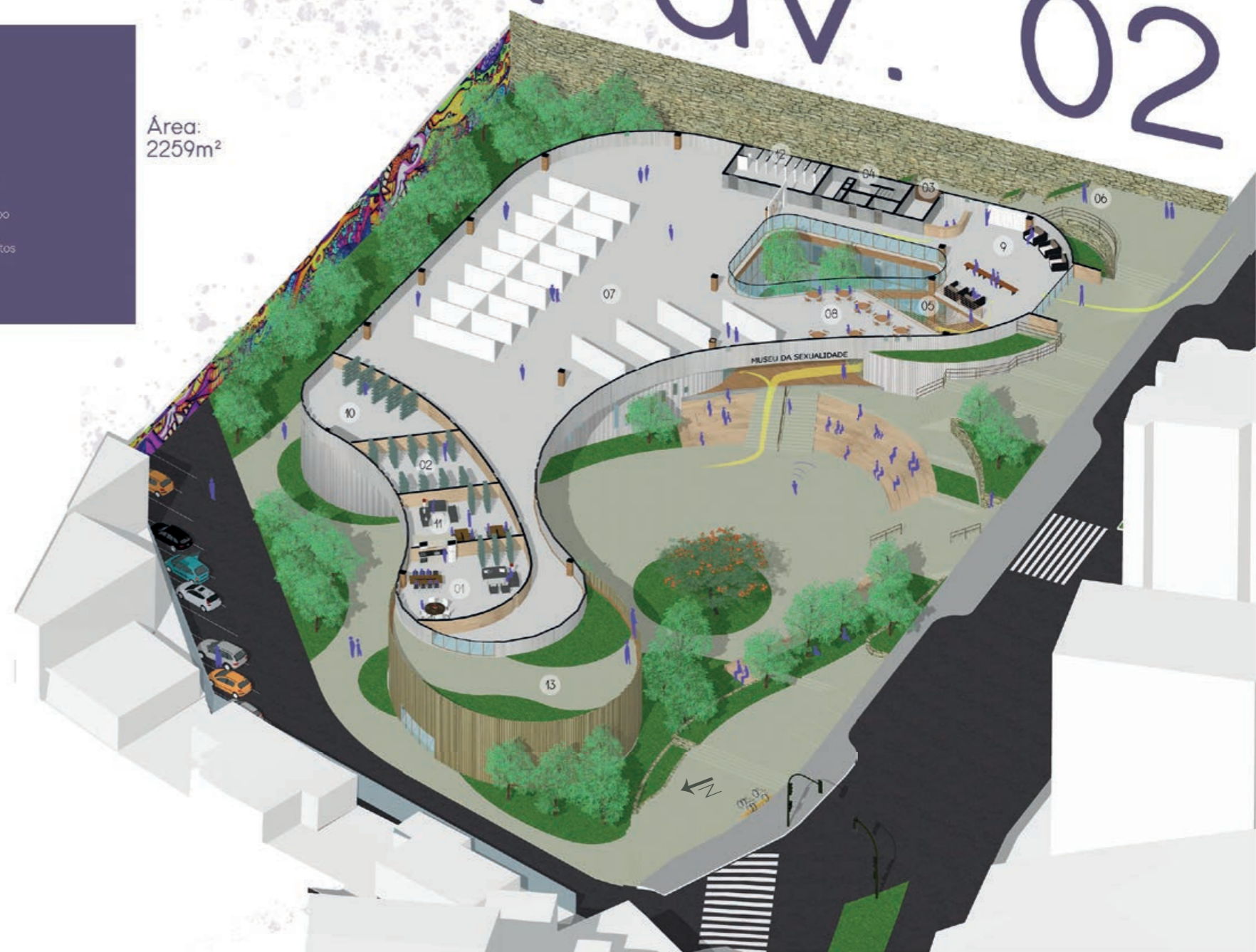
- LEGENDA
- 01- Administração+copa
 - 02- Almoxarifado
 - 03- Área Técnica
 - 04- Circulação vertical
 - 05- Escada de acesso ao Térreo
 - 06- Escada de acesso ao mezanino
 - 07- Espaço para Exposições
 - 08- Espaço para atividades em grupo
 - 09- Recepção Museu
 - 10- Reserva Técnica+Sala de Concertos
 - 11- Sala de pesquisas
 - 12- Sanitários
 - 13- Terraço

Área: 2259m²



E

Pav. 02





Planta Baixa Pavimento 2
esc 1:300



Perspectiva vista do terraço



Perspectiva vista de terraço para o Jardim Central



Perspectiva exposição nível 02

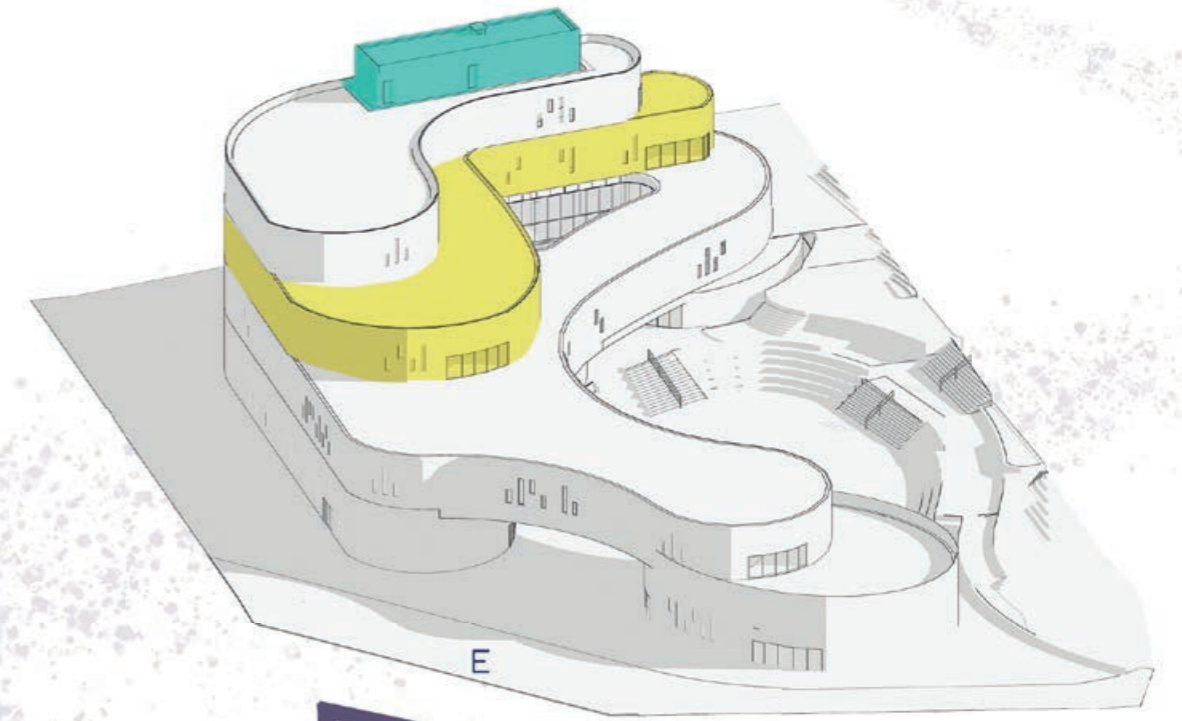


Perspectiva vista do Estacionamento

LEGENDA

- 01- Área Técnica
- 02- Área de descanso
- 03- Circulação vertical
- 04- Espaço para Exposições
- 05- Espaço para atividades em grupo
- 06- Sanitários
- 07- Terraço

Área:
1512m²



Pav. 03

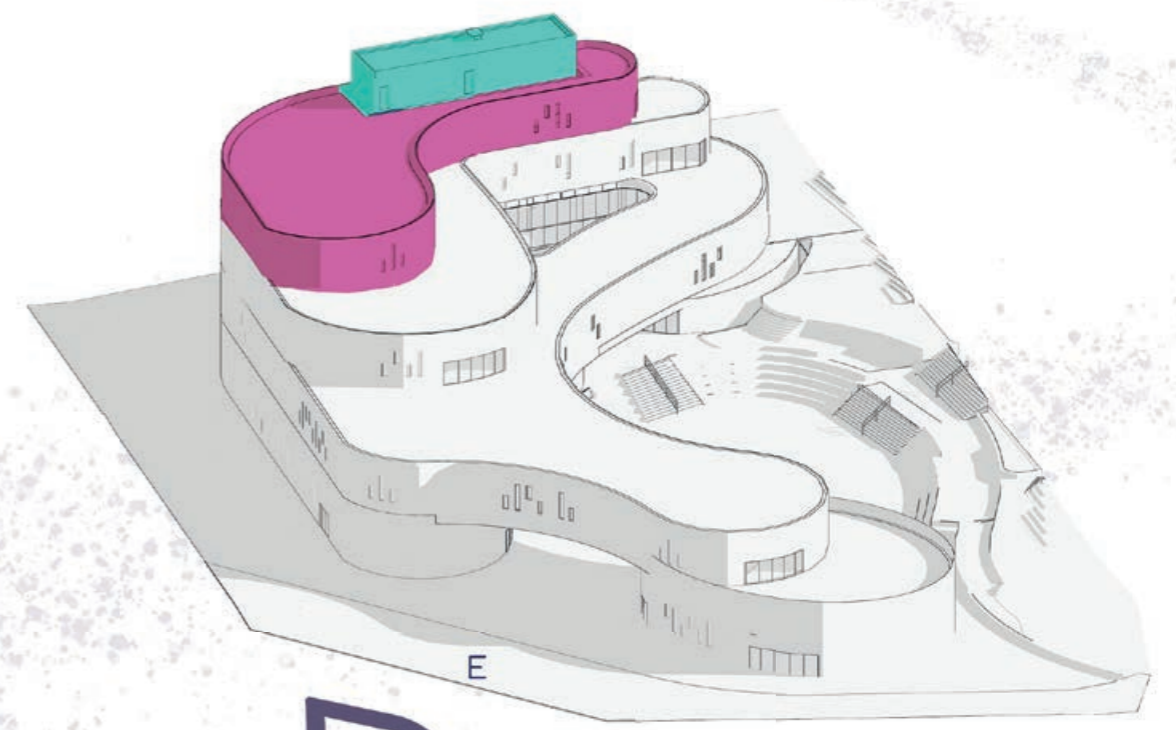




Planta Baixa Pavimento 3
esc 1:300



Vista do Mirante



Pav. 04



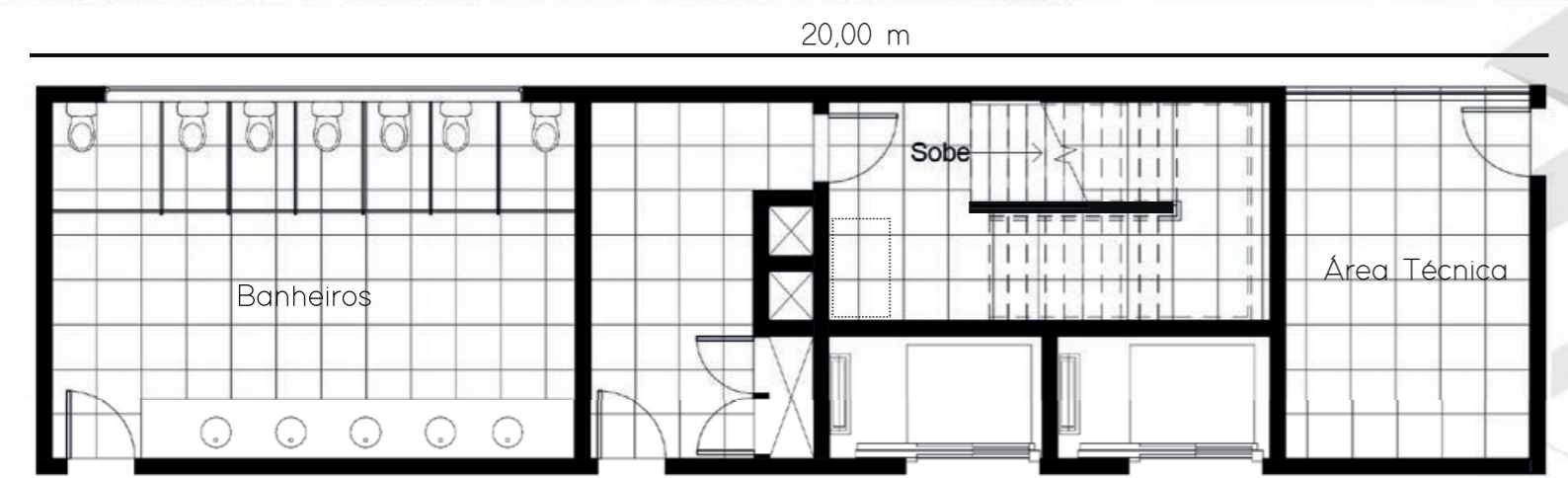
Vista da entrada para o atendimento psicossocial

- LEGENDA
- 01- Área Técnica
 - 02- Circulação vertical
 - 03- Espaço para Exposições
 - 04- Mirante
 - 05- Sanitários
 - 06- Terraço



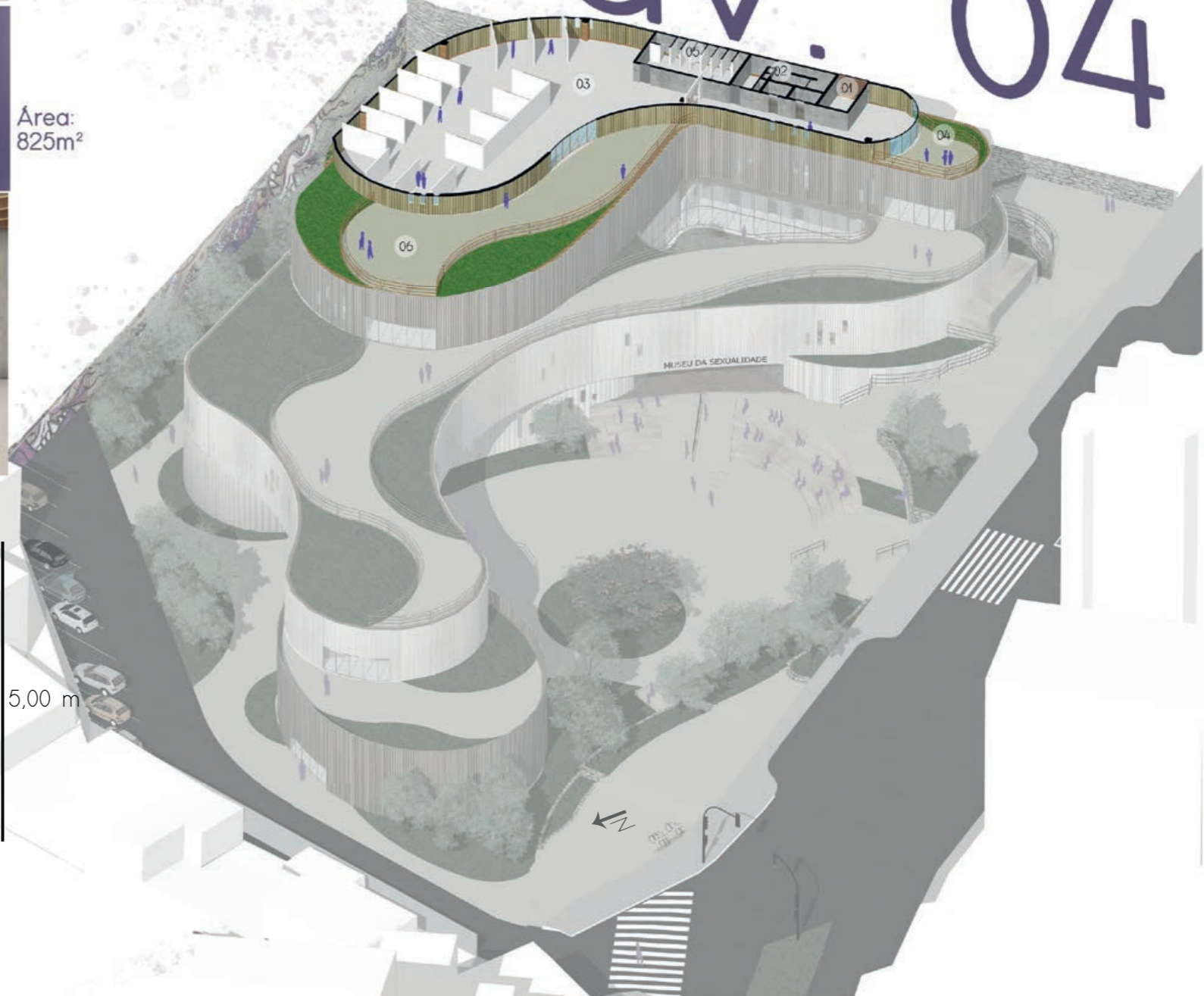
Perspectiva Biblioteca

Área: 825m²



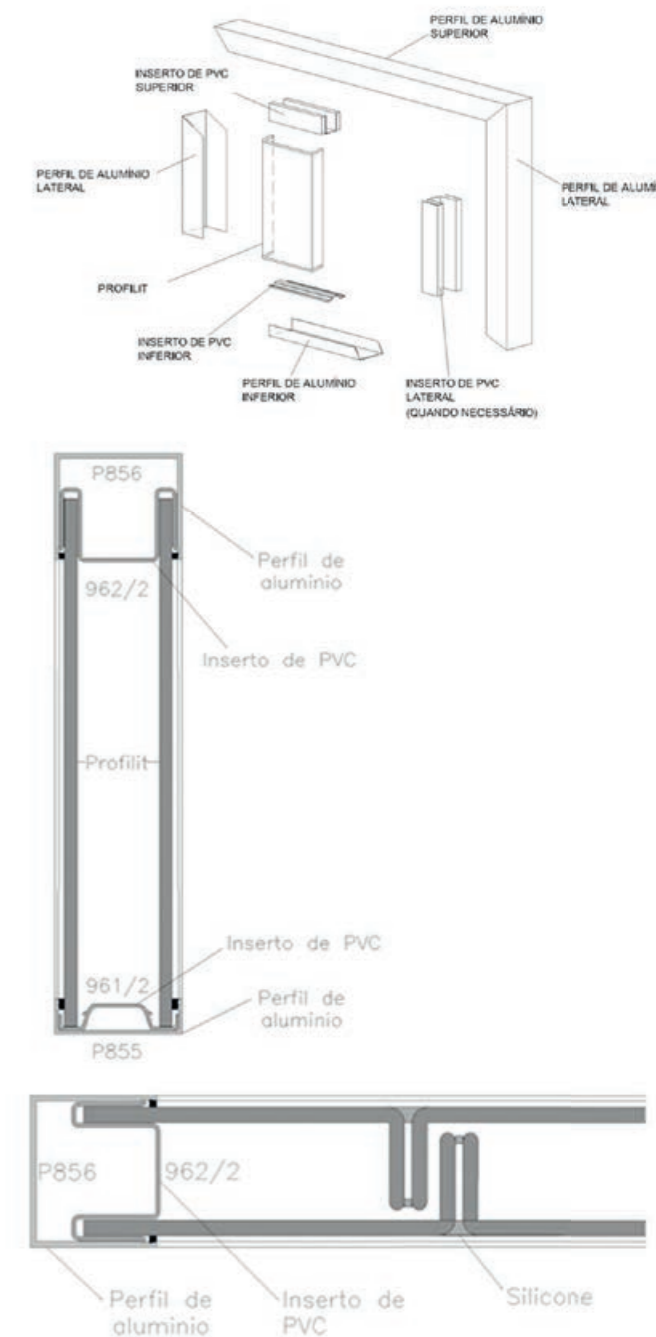
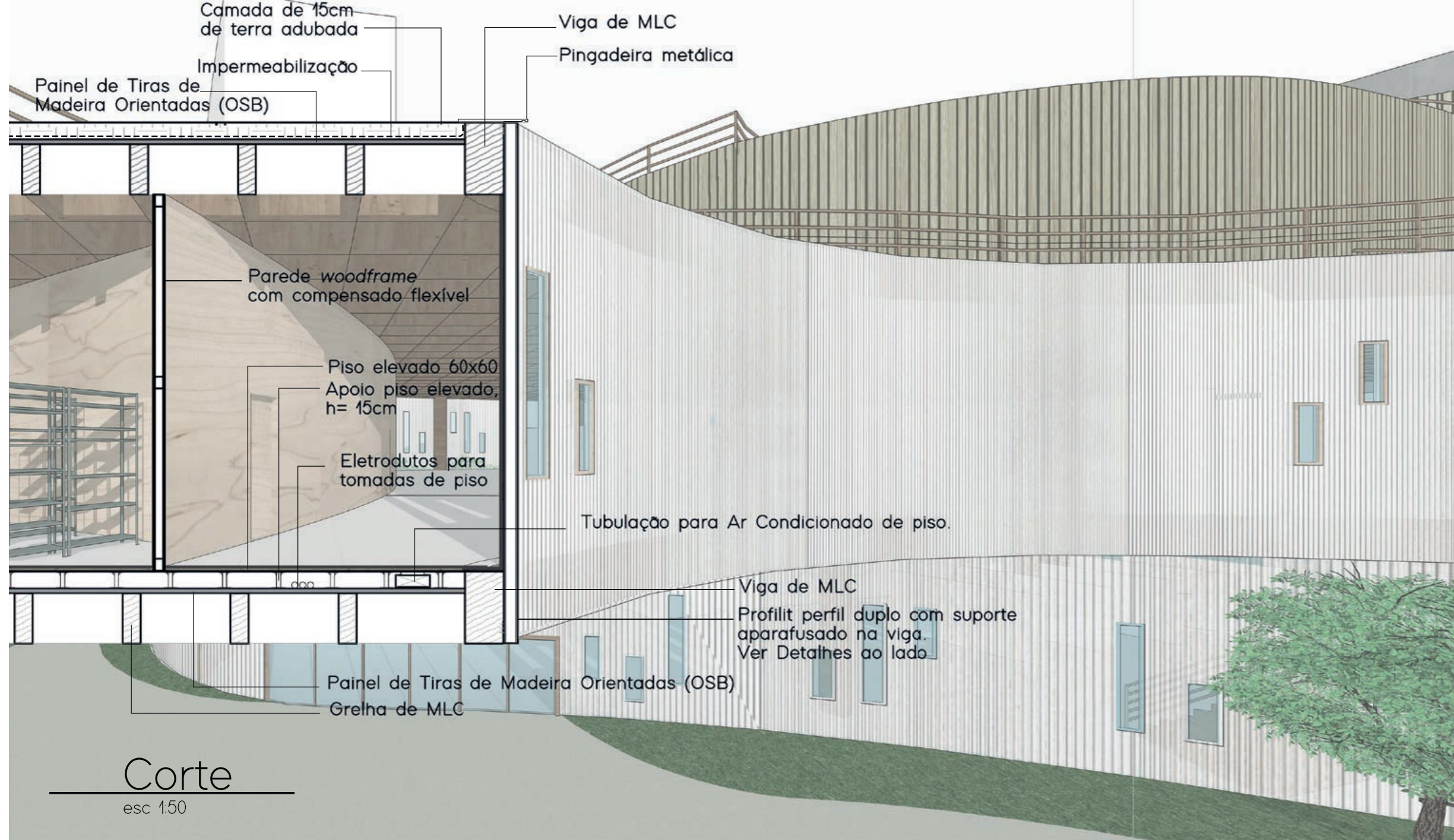
Planta-Baixa Núcleo rígido

Escala 1:100

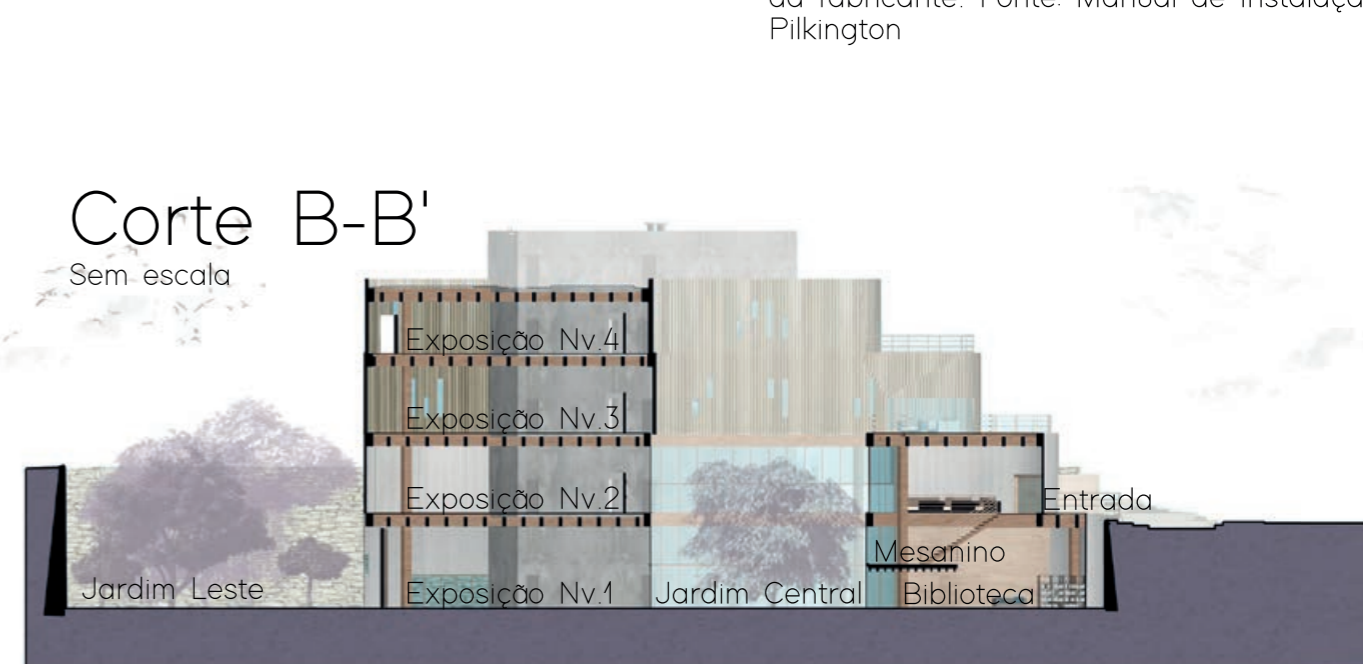
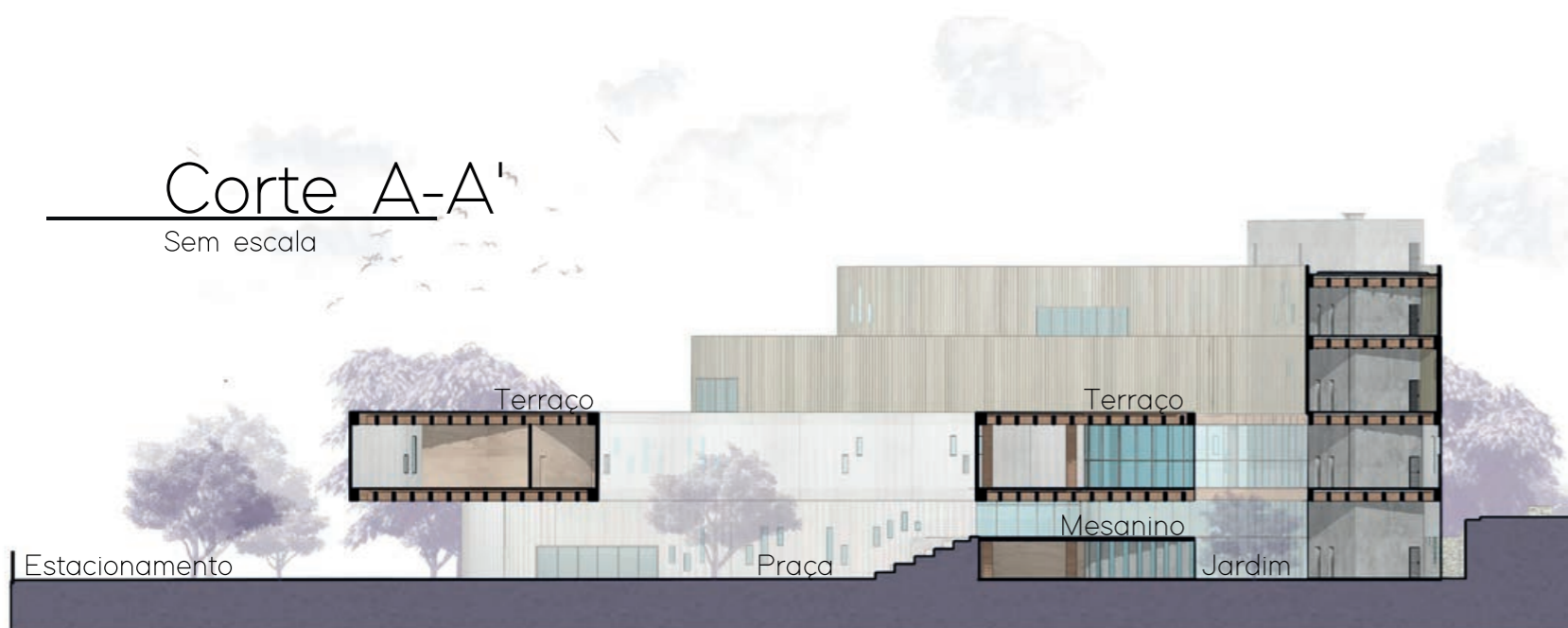




Planta Baixa Pavimento 4
esc 1:300



Detalhes de instalação do Profilít. Autoria da fabricante. Fonte: Manual de Instalação Pilkington



REFERÊNCIAS

- AQUINO, Estela M. L. et al. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p.377-388. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 mai. 2020.
- BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Lúcia Yasuko Izumi; SCHOR, Néia. **Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 422-427, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 maio 2020.
- BORGES, R. M. R, et al. **Contribuições de um museu interativo à construção do conhecimento científico.** Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 4, n. 3, 9 mar. 2011.
- BRANDT, Jaqueline Zermiani; LAVARDA, Rosalia A. Barbosa; LOZANO, Marie-Anne Stival Pereira e Leal. **Strategy as Social Practice in the Construction of a Gender Perspective for Public Policy in Florianopolis (SC).** Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 64-87, Feb. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122017000100064&lng=en&nrm=is. Acesso em 10 jun. 2020
- BRASIL, **LEI Nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Acesso em: 05 de agosto de 2020
- BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm#anexo. Acesso em: 28 mai. 2020.
- BRASIL. **Plano Nacional de Políticas para Mulheres.** 2004. Disponível em <<http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/planonacional-politicas-mulheres.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2020.
- BRASIL. **Projeto de Lei do Senado n.º 193.** Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o “Programa Escola Sem Partido”. Brasília: Senado Federal, 2016b. Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>. Acesso em 28 maio 2020.
- BUENO, Rita Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO** Revista Brasileira de Sexualidade Humana 2018, pg. 49-56
- DA SILVA, Denise Regina Quaresma; COSTA, Zuleika Leonora Schmidt; MÜLLER, Márcia Beatriz Cerutti. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação.** Educação, v. 41, n. 1, p. 49-58, 2018.
- DE FREITAS, Marcia et al. **Curso de formação de professores (as) por meio do programa educação sexual em debate na Rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis: algumas reflexões sobre os caminhos percorridos.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, [S.l.], p. 1130-1141, mar. 2017.. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8651/6587>. Acesso em: 10 jun. 2020
- DIVE, 2019. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2018 Santa Catarina.** Disponível em: <http://www.dive.sc.gov.br/barrigaverde/pdf/BVAidsFINAL2019.pdf>. Acesso em 09 abril 2021.
- FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa.** Saraiva Educação SA, 2018. Florianópolis, SC: Prelo, 2012. FLORIANÓPOLIS. Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Betim, MG: CGP Solutions, 2015.
- FLORIANÓPOLIS. (2014). **LEI COMPLEMENTAR N. 482, DE 17 DE JANEIRO DE 2014.** Disponível em: <https://planodiretorflorianopolis.webflow.io/#482-lei>. Acesso em: 09 abril. 2021.
- FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.** Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 - ed 03.** 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLON, Mônica da Silva; PRASNISKI, Maria Elena Tobolski; CAMARGO, Tatiana Souza de; FILHO, João Bernardes da Rocha. **O Estudo da Célula: Contribuições de um Museu Interativo para a Aprendizagem e Ensino de Ciências.** In REVISTA DE ENSINO, EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS. 2017
- GOMES, M. R. O; VIEIRA, N. **Saúde e Prevenção nas escolas: promovendo a educação em sexualidade no Brasil.** Revista tempus Acta em Saúde Coletiva, v. 4, n.2, 2010. Disponível em: <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/viewFile/798/786>. Acesso em: 27 de maio de 2020.
- GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios.** Holos, ano 29, vol. 5, 2013. p. 252-257.
- GRESSLER, S. C; GUNTHER, I. A. (2013). **Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas.** Estudos de Psicologia, 18(3), 487-495.
- ISRAEL, Karina. **Informação e Tecnologia nos Museus Interativos do Contemporâneo.** Trabalho de conclusão de pós-graduação em Cultura, Mídia e Informação, Universidade de São Paulo. 2011

JESUS, Andreia Almeida de .UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE PSICOLOGIA **Educação Sexual: Uma metodologia formal vs lúdica/emocional** Andreia Almeida de Jesus. Lisboa 2011

JESUS, Maria Cristina Pinto de. **O significado da educação sexual na relação pais/adolescentes**. Rev. bras. enferm., Brasília , v. 52, n. 3, p. 455-468, set. 1999 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671999000300015&lng=pt&nrm=iso. acessos em 21 maio 2020

JUNIOR, Atilio Butturi; DE ALMEIDA LARA, Camila. **Biopolítica, direitos humanos e resistências: uma análise comparativa das políticas públicas de Saúde para a população LGBT em Florianópolis-SC**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, n. 2, p. 645-674, 2018.

JUNIOR, J. A. S.; JONAS, A. da. **Sexualidade e educação: um diálogo necessário**. Revista Lugares de Educação, v. 11, n. 2, p. 218-38, 2011.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. (1989). **The experience of nature: a psychological perspective**. Nova Iorque: Cambridge University

KIEFER, Flávio. **ARQUITETURA DE MUSEUS**. Revista ARQTEXTO, Porto Alegre . 2001

LYNCH, Patrick. **"Adjaye Associates' Interactive SPYSCAPE Museum Opens in New York City"** 20 Feb 2018. ArchDaily. Disponível em : <https://www.archdaily.com/889383/adjaye-associates-interactive-spyscape-museum-opens-in-new-york-city>. Acesso em 27 ago. 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **O discurso cristão sobre a "ideologia de gênero"**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 26, n. 2, e47463, 2018 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000200212&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2020.

MANO, Sonia Maria Figueira; GOUVEIA, Fabio Castro; PALMA, A. M. **Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias**. Multimídia. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/COC/Museu da Vida, 2004.

MANO, Sonia Maria Figueira; GOUVEIA, Fabio Castro; SCHALL, Virgínia Torres. **"Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde**. Ciênc. educ. (Bauru), Bauru , v. 15, n. 3, p. 647-658, 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132009000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Marco Teórico e Referencial Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens**. Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília, 2007. p. 56

NARDI, H. C. **O Estatuto da diversidade sexual nas Políticas de Educação no Brasil e na França: a comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa**. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v.20, n.spe, 2008. p. 12-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspe04.pdf>. Acesso em 20 abr. 2014.

NEMO Science Museum. **Activities at NEMO**. Disponível em: <https://www.nemosciencemuseum.nl> Acesso em 27 ago. 2020

NEIVA, S.; PERRONE, R. A. A forma e o programa dos grandes museus internacionais. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 20, n. 34, p. 82-109, 30 dez. 2013.

NERY, Inez Sampaio et al . **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes**. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 28, n. 3, p. 287-292, jun. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000300287&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2020.

ORNELAS, Marta Sobral. **A voz dos jovens na relação entre escola e museu**. Observar. Revista Electrónica De Didáctica De Las Artes, (12), 92-106. 2018. Disponível em: <https://www.observar.eu/index.php/Observar/article/view/98> Acesso em 09 de julho de 2020

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. **Sentidos dos tempos na relação museu/escola**. Cad. CEDES, Campinas , v. 30, n. 82, p. 383-396, Dec. 2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 jul. 2020.

PETRY, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20)**. Hist. Educ., Santa Maria , v. 17, n. 41, p. 79-101, Dec. 2013 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592013000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jul. 2020.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para as mulheres. Apresentação. **Cartilha da Mulher**. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/mulher/index.php?cms=cartilha+da+mulher&menu=0>> . Acesso em: 10 jun. 2020.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para as mulheres. **Apresentação**. Florianópolis. Disponível em: www.pmf.sc.gov.br/entidades/mulher/index.php?cms=apresentacao&menu=4 . Acesso em: 10 jun. 2020.

Renzo Piano Building Workshop. NEMO (**NATIONAL CENTER FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY**). RPBW. Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/nemo-national-center-for-science-and-technology> Acesso em 27 ago. 2020

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos**. Sexualidade e infância, p. 17-34, 2005.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília : MEC/S

SENEM, Cleiton José; CARAMASCHI, Sandro. **Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade**. Barbarói, n. 49, p. 166-189, 2017.

SILVA, Karine Zimmer da; BUSS-SIMÃO, Márcia. **Gênero, sexo e sexualidade na educação infantil: o que dizem os documentos da rede municipal de ensino de Florianópolis**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 27-41, maio 2018. ISSN 1980-4512. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/55448>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SPERLING, David. **Museu contemporâneo: o espaço do evento como não-lugar**. Anais do Seminário Internacional de Museografia e Arquitetura de Museus 2005, 2010. TECHNIQUEST. The Story of Techniquet. Disponível em: <https://www.techniquet.org/> . Acesso em 27 ago. 2020

UFSC. Instituto de Estudos de Gênero - IEG. **Estatuto**. 2020. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/institucional/-documentos>. Acesso em 11 ago. 2020

UNESCO. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**. 2010

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências**. 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 01 abril 2020

VELHO, Eliane Maria Hoffmann; ODY, Magnus Cesar; LARA Isabel Cristina Machado de. **Museu Interativo e a Sala de Aula: Interligando Aprendizagens**. In Parcerias entre escolas e um museu interativo : contribuições à cultura e à educação científica e tecnológica 2014.

VIANNA, Cláudia. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica**. Pro-Posições, Campinas , v. 23, n. 2, p. 127-143, Aug. 2012 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 maio. 2020.

VIEIRA, Andréia Santiago. **Educação Sexual: Jogo educativo para aprendizagem de alunos com deficiência intelectual**. 2017

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões; VIEIRA, Camila Mugnai. **Políticas públicas e educação sexual: percepções de profissionais da saúde e da educação**. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 69-87, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2017v14n3p69>. Acesso em: 27 maio 2020.